

8

Bibliografia

ACCÁCIO, L. de O. **Instituto de Educação do Rio de Janeiro: a história da formação do professor primário (1927-1937)**. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Niterói/RJ, 1993.

ACCARDO, A.; CORCUFF, P. **La sociologie de P. Bourdieu: Textes choisis et commentés**. Bordeaux: Le Mascaret, 1986.

AGUIAR, M. A. da S. *et al.* Diretrizes curriculares do curso de pedagogia no Brasil: disputas de projetos no campo da formação do profissional da educação. **Educação e Sociedade**, v. 27, nº. 96, p. 819-842, Especial – out. 2006.

AGUIAR, M. A. da S.; MELO, M. M. de O. Pedagogia e faculdades de educação: vicissitudes e possibilidades da formação pedagógica e docente nas IFES. **Educação e Sociedade**, v. 26, nº. 92, p. 959-982, Especial – out. 2005.

ANTUNHA, H. C. G. As origens da faculdade de educação da USP: a introdução de estudos pedagógicos em nível superior no estado de São

Paulo. **Revista da Faculdade de Educação da USP**, p. 25-41, 1975.

ARANHA, M. L. A. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3ª. ed. (revista e ampliada). São Paulo: Moderna, 2006.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL PELA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO (ANFOPE). **Documento gerador**. In: 13º Encontro Nacional da ANFOPE. Campinas, 2006.

_____. Página da ANFOPE. <http://www.lite.fae.unicamp.br/anfope/>.

BERTAUX, D. L'imagination methodologique. **Recherche Sociologique**, nº. 2, p. 179-269. Paris: CNRS, 1985.

_____. **L'approche biographique: sa validité methodologique, ses potentialités**. Paris: Cahiers Internationaux de Sociologie, v. 69, 1980.

BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. Joel Martins: a coragem de ser educador. In: GARCIA, W. (org.). **Educadores brasileiros do século XX**. Brasília: Plano, 2002. (p.173-200).

BISSOLLI DA SILVA, C. S. Diretrizes curriculares para o curso de pedagogia no Brasil: um tema vulnerável às investidas ideológicas. In: BRZEZINSKI, I. (org.). **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002. (p. 75-93).

_____. **Curso de pedagogia no Brasil: história e identidade**. Campinas: Autores Associados, 1999.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BONTEMPI Jr., B. Laerte Ramos de Carvalho. In: FÁVERO, M. de L. de A.; BRITTO, J. de M. **Dicionário de educadores no Brasil: da colônia**

aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ/MEC-INEP-COMPED, 2002. (p. 674-680).

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 6^a. ed. Tradução de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Esboço de auto-análise**. Tradução de Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004a.

_____. **O poder simbólico**. 7^a. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004b.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Pierre Bourdieu**: escritos de educação. 3^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Compreender. In: **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2000. (p. 693-713).

_____. Algunas reflexiones sobre el método. In: **La distinción**: Critério y bases sociales del gusto. Buenos Aires: Taurus, 1999.

_____. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996b.

_____. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise

Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. (org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. (p. 122-155).

BOURDIEU, P.; BALAZS, G. O interrogatório. In: BOURDIEU, P. (org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998. (p. 715-732).

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J-C; PASSERON, J-C. **Ofício de sociólogo**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Z. A identidade do campo educacional. In: **Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. (p.73-83).

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº. 1/2006. Diretrizes curriculares da pedagogia. **Diário Oficial da União**, nº. 92, seção 1, p.11-12, 166 de maio de 2006.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº. 3/2006**. Diretrizes curriculares da pedagogia. Brasília, 2006.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº. 5/2005**. Diretrizes curriculares da pedagogia. Brasília, 2005.

_____. Lei nº. 9.394/1996. Diretrizes e bases para a educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília: Gráfica do Senado, v. 134, nº. 1.248, p.27.833-27.841, 23 dez.1996.

_____. Conselho Federal de Educação. Parecer nº. 252/1969. Estudos pedagógicos superiores. Mínimos de conteúdos e duração para o curso

de graduação em pedagogia. Relator: Valnir Chagas. **Documenta**, nº. 100, 1969.

_____. Conselho Federal de Educação. Parecer nº. 251/1962. Currículo mínimo e duração do curso de pedagogia. Relator: Valnir Chagas. **Documenta**, nº. 11, 1963.

_____. Presidência da República. Decreto-Lei nº. 1.190/1939. Organização da Faculdade Nacional de Filosofia. In: Nóbrega, V. L. **Enciclopédia da legislação do ensino**. Rio de Janeiro, v. 2, p. 562-570, s.d.

BRZEZINSKI, I. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores – Busca e movimento**. Campinas: Papyrus, 1996.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CANDAU, V. M. F. A formação de educadores: uma perspectiva multidimensional. In: CANDAU, V. M. F. (org.). **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis: Vozes. 1996. (p. 43-48).

CANDAU, V. M. F.; LELIS, I. A. O. A relação teoria-prática na formação do educador. In: CANDAU, V. M. F. (org.). **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis: Vozes. 1996. (p. 49-63).

CARVALHO, M. S. de. **A pesquisa educacional sobre a escola pública de ensino fundamental, nos projetos e relatórios de pesquisa elaborados por docentes das universidades brasileiras**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CASTRO, A. A. D. de. Didática: perspectivas deste século. **Separata da Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo**, v. 1, nº. 1, 1975.

_____. A licenciatura no Brasil. **Separata da Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo**, nº. 100, 1974.

CATANI, A. M. Algumas lições da aula inaugural de Pierre Bourdieu. In: CATANI, A. M.; MARTINEZ, P. H. (orgs.). **Sete ensaios sobre o Collège de France**. São Paulo: Cortez, 1999. (p. 89-103).

COMBESSIE, J-C. **O método em sociologia**: o que é, como faz. São Paulo: Loyola, 2004.

CRUZ, G. B. da. **O componente pesquisa na formação e na prática dos professores das séries iniciais na visão de professores do curso normal**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

CRUZ, G. B. da; BOING, L. A. A pesquisa do professor em julgamento. Comunicação apresentada na 30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação: 30 anos de pesquisa e compromisso social. **Anais**. Caxambu, MG: ANPEd, 2007.

CUNHA, L. A. **A universidade crítica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

CURY, C. R. J. Quadragésimo ano do Parecer CFE nº. 977/65. **Revista Brasileira de Educação**. nº. 30, p.7-20, out-dez, 2005.

DEMARTINI, Z. de B. Memórias na educação. In: DEMARTINI, Z. de B. (coord.). **Educação e linguagem**: memórias na educação. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Metodista de São Paulo. Ano 8, nº.11, p.18-30, jan-jul. 2005.

_____. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In: QUEIROZ, M. I. P. de; LANG, A. B. S. G.

(orgs.). **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: CERU, 1999. (p. 33-45).

DEWEY, J. **La ciência de la educación**. Buenos Aires: Losada, 1968.

DIAS DE CARVALHO, A. **Epistemologia das ciências da educação**. Porto: Afrontamento, 1988.

DILTHEY, W. **Historia de la pedagogia**. 4^a. ed. Buenos Aires: Losada, 1949.

DUBY, G. **A história continua**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Ed. UFRJ, 1993.

DURKHEIM, E. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

_____. **Educação e Sociologia**. 12^a. ed. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ENCREVÉ, P.; LAGRAVE, R-M (coords.). **Trabalhar com Bourdieu**. Tradução de Karina Jannini. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

ERICKSON, F. Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: WITTROCK, M. C. **La investigación de la enseñanza, II: métodos cualitativos y de observación**. Barcelona – Buenos Aires – México: Ediciones Paidós, 1989. (p. 195-299).

ESTRELA, A. **Pedagogia, ciência da educação?** Portugal: Porto Editora, 1992.

_____. Pedagogia ou ciência da educação. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano XVI, p. 367-372, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1980.

ESTRELA, A.; FALCÃO, M. Para uma definição do estatuto epistemológico das ciências da educação. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano XXVI, p. 367-372, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1990.

EVANGELISTA, O. Formar o mestre na universidade: a experiência paulista nos anos de 1930. **Educação e Pesquisa**. v.27, nº.2, p. 247-259, jul-dez, 2001.

FABRE, M. Existem saberes pedagógicos? In: HOUSSAYE, J.; SOËTARD, M.; HAMELINE, D.; FABRE, M. **Manifesto a favor dos pedagogos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004. (p. 96-120).

FÁVERO, M. de L. de A.; BRITTO, J. de M. **Dicionário de educadores no Brasil**: da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/MEC-INEP- COMPEd, 2002.

FERREIRA, N. S. C. Diretrizes curriculares para o curso de pedagogia no Brasil: a gestão da educação como gérmen da formação. **Educação e Sociedade**, v. 27, nº. 97, p. 1.341-1.358, set. 2006.

FRANCO, M. A. S. **Pedagogia como ciência da educação**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FRANCO, M. A. S.; LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. Elementos para a formulação de diretrizes curriculares para cursos de pedagogia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, nº. 130, p. 63-97, jan. 2007.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREITAS, H. C. L. de. A reforma do ensino superior no campo da formação dos profissionais da educação básica: as políticas educacionais e o movimento dos educadores. **Educação e Sociedade**, nº. 68, p. 17-44,

Especial – dez. 1999.

FUSARI, J. C. Planejamento educacional e a prática dos educadores. In: **Revista da ANDE**, nº. 8, p. 32-35, 1984.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

GAUTHERIN, J. **Une discipline pour la republique**: la science de l'éducation en France (1882-1914). França: Peter Lang, 2002.

GAUTHIER, C. (org.). **Por uma teoria da pedagogia**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1998.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1989.

GENOVESI, G. **Pedagogia, dall'empiria verso la scienza**. Bologna: Pitagora, 1999.

GHIRALDELLI Jr., P. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005.

GOUVEIA, A. J. **Professoras de amanhã**: um estudo da escolha ocupacional. Rio de Janeiro: CBPE/INEP/MEC, 1965.

HERBART, J. F. **Pedagogia geral**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

HOUSSAYE, J.; SOËTARD, M.; HAMELINE, D.; FABRE, M. **Manifesto a favor dos pedagogos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

HOUSSAYE, J. Pedagogia: justiça para uma causa perdida? In: HOUSSAYE, J.; SOËTARD, M.; HAMELINE, D.; FABRE, M. **Manifesto a favor dos pedagogos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004. (p. 9-45).

ISAMBERT-JAMATI, V. Ciências da educação: um plural importante quando se trata de pesquisa. In: **Teoria & Educação**, nº.5, p. 170-173, 1992.

JAEGER, W. **Paideia**: los ideales de la cultura griega. México: Fondo de Cultura Económica, 1957.

KAVÁFIS, K. **Poemas**. Seleção, estudo crítico, notas e tradução de José Paulo Paes. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

KENSKI, V. M. Sobre o conceito de memória. In: FAZENDA, I. (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papyrus, 1997. (p. 137-159).

KUENZER, A. Z.; RODRIGUES, M. de F. As diretrizes curriculares para o curso de pedagogia: uma expressão da epistemologia da prática. In: SILVA, A. M. M. *et al* (orgs.). **Novas subjetividades, currículo, docência e questões pedagógicas na perspectiva da inclusão social / XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Recife: ENDIPE, 2006. (p. 185-212).

LELIS, M. I. A. O. **A polissemia do magistério**. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

_____. **A formação da professora primária**: da denúncia ao anúncio. São Paulo: Cortez, 1989.

LIBÂNEO, J. C. Diretrizes curriculares da pedagogia: um adeus à pedagogia e aos pedagogos? In: SILVA, A. M. M. *et al* (orgs.). **Novas**

subjetividades, currículo, docência e questões pedagógicas na perspectiva da inclusão social / XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife: ENDIPE, 2006a. (p. 213-241).

_____. Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. **Educação e Sociedade**, v. 27, nº. 96, p. 843-876, Especial – out. 2006b.

_____. Pontos críticos dos atuais cursos de pedagogia. **Presença Pedagógica**, v. 11, nº. 65, p. 52-63, set. 2005.

_____. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia. In: PIMENTA, S. G. (org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 2002. (p. 59-97).

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1996.

_____. O debate sobre o estudo científico da educação: ciência pedagógica ou ciências da educação. **Espaço Pedagógico**, v. 1, nº. 1, p. 11-33, 1994.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. Formação dos profissionais da educação: visão crítica e perspectivas de mudança. **Educação e Sociedade**, nº. 68, p. 239-277, Especial – dez. 1999.

LIMA, E. F. de. O curso de pedagogia: situação atual e perspectivas. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. A. (orgs.). **Temas em Educação Especial**, v. 1. São Carlos, SP: EFUSCar, 2004a. (p. 233-239).

_____. Formação de professores – passado, presente e futuro: o curso de pedagogia. In: MACIEL, L. S. B.; NETO, A. S. (orgs.). **Formação de professores: passado, presente e futuro.** São Paulo: Cortez, 2004b. (p.

15-34).

_____. O curso de pedagogia e a LDB: vicissitudes e perspectivas. In: BARBOSA, R. L. L. (org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**, v. 1. São Carlos, SP: EFUSCar, 2003. (p. 185-195).

LINHARES, C. Terremotos na pedagogia: perspectivas da formação de professores. In: SILVA, W. C. da. (org.). **Formação dos profissionais da educação: o novo contexto legal e os labirintos do real**. Niterói/RJ: EdUFF, 1998. (p. 11-33).

LINHARES, C.; NUNES, C. **Trajetórias de magistério: memórias e lutas pela reinvenção da escola pública**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

LINHARES, C.; SILVA, W. C. Políticas de formação de professores: limites e possibilidades colocados pela LDB para as séries iniciais do ensino fundamental. In: SOUZA, D. B.; FARIA, L. C. M. (orgs.). **Desafios da educação municipal**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. (p. 304-328).

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. da; BOING, L. A. A pesquisa do professor na visão de quem decide sobre ela. Comunicação apresentada no VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste: Desafios da educação básica à pesquisa em educação. **Anais**. Vitória: ANPEd Sudeste, 2007a.

_____. A pesquisa do professor em análise. Comunicação apresentada no IX Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores: A articulação dos saberes na sociedade atual – O papel do educador e sua formação. **Anais**. Águas de Lindóia/SP: UNESP, 2007b.

LÜDKE, M. **O que conta como pesquisa?** Rio de Janeiro: Departamento de Educação da PUC-Rio, 2006. (Relatório de Pesquisa).

_____. Avaliação institucional: formação de docentes para o ensino fundamental e médio (as licenciaturas). **Cadernos CRUB**, v. 1, nº. 04, p. 5-95, 1994.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, nº. 125, p. 81-109, maio, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1999.

LUZURIAGA, L. **História da educação e da pedagogia**. 15^a.ed. Tradução e notas de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

MARIN, A. J; GIOVANNI, L. M. Expressão escrita de concluintes de curso universitário para formar professores. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, nº.130, p. 15-41, jan. 2007.

MARQUES, M. O. **Pedagogia**: a ciência do educador. Ijuí: UNIJUÍ, 1990.

MAZZOTTI, T. B.; OLIVEIRA, R. J. **Ciência(s) da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MAZZOTTI, T. G. Estatuto de cientificidade da pedagogia. In: PIMENTA, S. G. **Pedagogia, ciência da educação?** São Paulo: Cortez. 1996.

MEIRIEU, P. **La pédagogie entre le dire et le faire**. Paris: ESF, 1995.

MELO, M. M. de O. Pedagogia e curso de pedagogia: riscos e possibilidades epistemológicos face ao debate e às novas diretrizes

curriculares nacionais sobre esse curso. In: SILVA, A. M. M. *et al* (orgs.). **Novas subjetividades, currículo, docência e questões pedagógicas na perspectiva da inclusão social / XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Recife: ENDIPE, 2006. (p. 243-276).

MENDONÇA, A. W. P. C. **Universidade e formação de professores: uma perspectiva integradora**. A universidade de educação de Anísio Teixeira. 1993. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

MIALARET, G. **Pédagogie générale**. Paris: PUF, 1991.

_____. **As ciências da educação**. Lisboa: Moraes, 1976.

MILLS, W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONARCHA, C. **Escola normal da praça: o lado noturno das luzes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

_____. As três fontes da pedagogia científica: a psicologia, a sociologia e a biologia. **Didática**. v. 28, p.1-23, 1992.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na primeira república**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. Questões relativas à trajetória da pesquisa em história da educação no Brasil. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (orgs.). **História e história da educação**. Campinas: Autores Associados, 2000. (p. 115-141).

_____. A extinção do curso de pedagogia e a preparação de especialistas em educação. **Educação e Sociedade**, nº. 3, p. 136-137, 1979.

_____. Discurso pedagógico: uma introdução. In: NAGLE, J. (org.). **Educação e linguagem: para um exame do discurso pedagógico**. São Paulo: EDART, 1976. (p. 11-42).

NASCIMENTO, M. G. C. de A. **Trajetórias de vida de professores formadores: constituição de habitus profissionais**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PAIXÃO, A. G. **Perfil dos estudantes de pedagogia**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PARO, V. H. **Administração escolar: introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 1986.

PASSERON, J-C. O mapa e o observatório: alguns problemas atuais da pesquisa em Sociologia da Educação. **Teoria & Educação**, nº. 3, p. 69-88, 1991.

PEREIRA, L. **O magistério primário numa sociedade de classes**. São Paulo: Pioneira, 1969.

PESSANHA, E. C. **Ascensão e queda do professor**. São Paulo: Cortez, 1994.

PIMENTA, S. G. **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Pedagogia, ciência da educação?** São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **O pedagogo na escola pública: uma proposta de atuação a partir da análise crítica da orientação educacional**. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **Orientação vocacional e decisão: estudo crítico da situação no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1984.

PLACCO, V. M. N. S.; LIMA, E. F.; CHRISTOV, L. H. de S. A imagem e o imaginário da pedagogia. In: BARBOSA, R. L. L. (org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de professores**. v. 1. São Carlos, SP: EFUSCar, 2004. (p. 443-474).

PLAISANCE, E; VERGNAUD, G. **As ciências da educação**. São Paulo: Loyola, 2003.

PROST, A. **Éloge des pédagogues**. France: Éditions du Seuil, 1985.

QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. M. (org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais/Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v. 5, 1988.

QUEIROZ, M. I. P. de; LANG, A. B. S. G. (orgs.). **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: CERU, 1999.

QUINTANA CABANAS, J. M. **Teoría de la educación**: concepción antinómica de la educación. Madri: Dykinson, 1995.

ROSA, M. V. de F. P. do C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SARRAMONA, J.; MARQUES, S. **Qué es la pedagogia? Uma resposta atual**. Barcelona: Ediciones CEAC, 1985.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007a.

_____. Pedagogia: o espaço da educação na universidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, nº.130, p. 99-134, jan. 2007b.

_____. O protagonismo do professor Joel Martins na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, nº.30, p.21-35, out-dez, 2005a.

_____. História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, v. 30, nº.2, p. 11-26, 2005b.

_____. Sobre a natureza e especificidade da educação. In: **Pedagogia histórico-crítica**. 8ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2003. (p. 11-22).

_____. Contribuições a uma definição do curso de pedagogia. **Didata**: a revista do educador (O que é Pedagogia?). São Paulo: Arlette D'Antola, nº. 5, p. 13-22, 1976.

SCHEIBE, L. Diretrizes curriculares para o curso de pedagogia: trajetória longa e inconclusa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, nº.130, p. 43-62, jan. 2007.

_____. Formação e identidade do pedagogo no Brasil. In: CANDAU, V. M. *et al* (orgs.). **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa / X Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. (p. 9-22).

SCHEIBE, L.; AGUIAR, M. A. Formação de profissionais da educação no Brasil: o curso de pedagogia em questão. **Educação e Sociedade**, nº. 68, p. 220-238, Especial – dez. 1999.

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia dialética**: de Aristóteles a Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, R. N. *et al*. **Formação de professores no Brasil**: um estudo analítico e bibliográfico. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, REDUC, 1991.

SILVA, W. C. da. **La formation des maitres à l'Université**: analyse sociologique des expériences menées dans trois facultés d'éducation de la ville de Rio de Janeiro (Brésil). 1997. Tese (Doutorado em Educação) Université René Descartes (Paris V), França, 1997.

SILVA Jr., C. LDB e formação de educadores: uma década perdida. In: RESCIA, A. P. O. *et al* (orgs.). **Dez anos de LDB**: contribuições para a discussão das políticas públicas em educação no Brasil. Araraquara: Junqueira e Marin, 2007. (p. 79-92).

_____. **Supervisão da educação**: do autoritarismo ingênuo à vontade coletiva. São Paulo: Loyola, 1984.

SOËTARD, M. Ciência(s) da educação ou sentido da educação? A saída pedagógica. In: HOUSSAYE, J.; SOËTARD, M.; HAMELINE, D.; FABRE, M. **Manifesto a favor dos pedagogos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004. (p. 47-69).

SUCHODOLSKI, B. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas**. 2ª. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

SUCUPIRA, N. Da faculdade de filosofia à faculdade de educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. MEC/INEP, 51 (114), p. 261-276, abr. 1969.

SZYMANSKI, H.; ALMEIDA, L. R.; BRANDINI, R. C. A. R. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

TANURI, L. M. As diretrizes curriculares do curso de pedagogia. In: BARBOSA, R. L. L. **Formação de educadores: artes e técnicas, ciências e políticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2006. (p.73-81).

_____. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, nº.14, p. 61-88, maio, 2000.

TARDIF, M; ZOURHLAL, A. Difusão da pesquisa educacional entre profissionais do ensino e círculos acadêmicos. **Cadernos de Pesquisas**, v 35, nº. 125, p. 13-35, maio, 2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIGO, M. H. B.; BRIOSCHI, L. R. Interação e comunicação no processo de pesquisa. In: QUEIROZ, M. I. P.; LANG, A. B. S. G. (orgs.). **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: CERU, 1999. (p.25-32).

VEIGA, I. P. A. *et al.* **Licenciatura em pedagogia: realidades, incertezas, utopias**. São Paulo: Papyrus, 1997.

VIDAL, D. G. **O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-**

1937). 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

VILLELA, H. de O. S. **A primeira escola normal do Brasil**: uma contribuição à história da formação de professores. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 1990.

VISALBERGUI, A. **Pedagogia e scienze dell'educazione**. Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1983.

WEBER, S. Como e onde formar professores: espaços em confronto. **Educação e Sociedade**, ano XXI, nº. 70, p. 129-155, 2000.

9 Anexos

9.1. Quadro demonstrativo dos sujeitos da pesquisa

Nº	Entrevistado e Decada de Realização do Curso de Pedagog.	Sexo	Ano e Instituição de Realização do Curso de Pedagog.	Estado de Origem e Estado Atual	Curso Normal	"Cadeira Prêmio"	Curso de Aperfeiçoamento	Curso de Pedagogia	Condição de Comissionado	Professor Primário	Professor Secundário: Gmáσιο	Professor Curso Normal	Professor Curso de Pedagogia	Exercício do Ofício de Pedagogo	Atuação: SEE, CEE ou MEC	Gestão na Universidade	Especialização	Mestrado	Doutorado	Pós-Doutorado	Livre-Docência	Professor Titular	Aposentado
01	A-30	F	1937-1940 FFCL da USP	RJ-SP	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	X	-	-	-	X	-	X	X	X
02	B-40	F	1946-1949 PUC-Rio	MA-RJ	X	-	-	X	-	X	-	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	X	X
03	C-50	M	1952-1955 FFCL da USP	SP	X	X	-	X	X	-	X	X	X	-	X	X	-	-	-	-	X	X	X
04	D-50	M	1954-1958 USCJ Bauru/SP	SP	X	-	-	X	-	-	-	X	X	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X Em exerc.
05	E-50	F	1957-1960 FFCL/MA	MA-RJ	-	-	-	X	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X Em exerc.
06	F-50	F	1958-1961 FFCL/GO	GO	X	X	-	X	-	X	-	X	X	X	X	-	X	X	X	X	-	X	X Em exerc.
07	G-50	F	1958-1962 PUC-Rio	RJ	X	X	-	X	-	X	-	X	X	X	X	-	X	-	X	X	-	X	-
08	H-50	F	1959-1962 FFCL da USP	SP	X	X	-	X	X	X	X	-	X	X	X	-	X	-	X	X	-	-	-
09	I-60	F	1961-1964 FFCL de Marília/SP	SP	X	-	-	X	-	-	X	-	X	-	-	X	X	X	X	X	-	-	-
10	J-60	F	1961-1965 PUC-SP	SP	X	-	-	X	-	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	-	X	X	-
11	K-60	F	1964-1967 FFCL de Rio Claro/SP	SP	X	-	-	X	-	X	X	-	X	X	-	X	X	-	X	-	X	-	X Em exerc.
12	L-60	F	1964-1967 FFCL da USP	SP	X	X	-	X	X	X	-	X	X	X	-	X	X	X	X	X	-	-	-
13	M-60	F	1965-1968 FFCL de Rio Claro/SP	SP-RJ	X	-	X	X	X	X	-	X	X	X	-	-	X	X	X	-	-	-	X
14	N-60	F	1965-1968 PUC-Campinas	SP	X	-	-	X	-	X	X	-	X	X	X	X	X	X	X	-	-	X	-
15	O-60	M	1965-1968 PUC-SP	SP	X	-	X	X	-	X	-	-	X	X	X	-	X	X	X	-	-	-	-
16	P-60	F	1965-1969 UFRJ	RJ	X	X	-	X	-	X	-	-	X	X	-	X	X	X	X	-	-	-	-
17	Q-60	F	1966-1969 FFCL de Lins/SP	SP	X	-	X	X	-	X	-	-	X	X	X	-	X	X	-	-	-	-	X
Total	-	-	-	-	15	06	03	16	04	12	08	09	17	13	10	10	15	11	14	07	06	09	09

9.2. Descrição da trajetória de formação e de atuação de cada entrevistado*

B-40, a primeira entrevistada, nasceu na cidade de São Luiz do Maranhão/MA. Cursou o primário na Escola Modelo, cujo ensino, com duração de cinco anos, se baseou nos pressupostos teórico-metodológicos da tendência pedagógica da escola nova. Fez o curso secundário no Liceu Maranhense, também com duração de cinco anos. Para ingressar no ensino secundário passou pelo exame de admissão, com audiência pública, prestando prova oral e escrita. Em seguida, ingressou na Escola Normal de São Luiz do Maranhão, onde fez o Curso Normal em um ano, habilitando-se para atuar como professora primária.

Concluído o Curso Normal, passou a atuar como professora primária, no Colégio das Dorotéias, e como professora de português do Curso Normal oferecido pela Escola Normal de São Luiz do Maranhão.

Seu desejo era cursar medicina para atuar no contexto hospitalar, mas, na década de 30, quando concluiu o ciclo fundamental do ensino secundário ainda não havia Escola de Medicina no Maranhão. Por influência do seu pai, veio para o Rio de Janeiro participar do processo seletivo, através de concurso público, para inspetor de ensino secundário do Ministério da Educação (MEC), onde também cursou dois anos de curso complementar do ensino secundário.

Após enfrentar um processo seletivo bastante rígido, dirigido pelo Departamento de Administração do Serviço Público (DASP), criado por Getúlio Vargas, viu-se, em fevereiro de 1942, com 22 anos de idade, aprovada e nomeada como inspetora de ensino secundário do MEC.

Em julho de 1943, conseguiu nomeação para atuar como inspetora de ensino no Maranhão. A nomeação para a sua cidade natal foi obtida após um ano e alguns meses de duras tentativas, visto que o concurso era de abrangência

* As letras alfabéticas e numeração da década para identificação dos entrevistados foram definidas pela posição de cada um no período em que fez o curso, partindo dos mais antigos para os mais novos. A descrição do perfil, diferente desta seqüência, considerou a ordem de realização das entrevistas.

nacional, mas o departamento responsável (DASP) exigia sua lotação no Rio de Janeiro.

De 1943 a 1945 atuou como inspetora de ensino secundário do MEC, no Maranhão. A partir de 1946 voltou a exercer a função de inspetora do MEC, no Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano decidiu cursar uma faculdade. No período de **1946 a 1949**, fez o **Curso de Pedagogia** na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), cursando o bacharelado e a Licenciatura (Pedagogia e Didática). No período de 1949 a 1952, cursou filosofia, também na PUC-Rio. Enquanto terminava a licenciatura, iniciava o Curso de Filosofia, dedicando-se às disciplinas comuns aos dois cursos.

Como funcionária do MEC atuou como inspetora de ensino secundário e, também, superior, credenciando e acompanhando o funcionamento de vários estabelecimentos de ensino. No decorrer de sua atuação no MEC, teve a oportunidade de ocupar diversas funções: foi assessora para assuntos referentes à organização e implementação de cursos de formação de professores, o que resultou mais tarde na criação da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES); foi assistente de diretor de ensino secundário; e diretora substituta de ensino secundário. Por força do ofício, transferiu-se para Brasília quando a capital mudou para o Distrito Federal.

Concomitante à sua atuação no MEC, no período em que estava no Rio de Janeiro e após o término dos Cursos de Pedagogia e Filosofia, integrou, por pouco tempo, o corpo docente do Curso Normal do Colégio Santa Dorotéia, localizado no Rio Comprido, ministrando a disciplina filosofia da educação.

Deu continuidade à sua formação, realizando uma série de cursos, notadamente através de programas de estudo em universidades estrangeiras. Participou de muitas atividades promovidas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o que lhe conferiu vários títulos.

Em um determinado período de sua atuação no MEC, foi designada para estagiar na CADES, cujo foco voltava-se para a formação de inspetores de ensino de todo o Brasil. Após o estágio, foi convidada para trabalhar no contexto da própria CADES, cuidando de projetos voltados para a formação de inspetores de

ensino e demais profissionais da educação.

Por conta disso, passou a se dedicar, na CADES, à organização de grupos de professores experientes, denominados professores orientadores, com a finalidade de subsidiar, através de cursos e formas diversas de acompanhamento, a formação permanente de professores. A CADES, por seu intermédio, passou a se dedicar à formação de orientadores educacionais, uma exigência da Lei Capanema para o ensino secundário. Um desdobramento desse projeto foi a criação e o financiamento pela CADES de um curso específico para orientadores educacionais, na Universidade Santa Úrsula (USU) e na PUC-Rio. A CADES financiou o curso durante dois anos, tanto na USU quanto na PUC-Rio. Findo o financiamento, a USU assumiu e a PUC desistiu. Dois anos depois, ocorreu a Reforma Universitária, que, no tocante ao Curso de Pedagogia, instituiu as habilitações de orientação, inspeção, supervisão e administração escolar.

Trabalhou na USU durante 31 anos. Começou através do curso para orientadores educacionais, ingressando, em seguida, no corpo docente do Curso de Pedagogia. Com a reformulação do curso e a instituição das habilitações, deixou de atuar ao mesmo tempo nos dois cursos, passando a se dedicar ao de pedagogia. Na USU atuou como professora, chefe de departamento, decana e assessora da chancelaria. Foi diretora de departamento por dois anos e decana em três mandatos, perfazendo um total de oito anos.

Trabalhou, também, como professora do Departamento de Educação da PUC-Rio. Seu ingresso nessa universidade se deu do mesmo modo que na USU, ou seja, pela exigência de um curso para formação de funcionários do MEC. O curso foi elaborado em época de muita efervescência política, meados da década de 60. Foi responsável pela concepção do curso e definição dos professores que comporiam o corpo docente. Em função do contexto político da época, os professores foram considerados suspeitos, o que levou o MEC a decidir pela entrega do curso à PUC-Rio. No processo de repasse do projeto de curso, inseriu uma cláusula, cujo teor garantiria aos alunos que apresentassem uma dissertação, o título de mestre em educação. Por conta disso, a PUC-Rio passou a ser a primeira universidade brasileira a oferecer curso de mestrado em educação.

Assim que começou a atuar na PUC-Rio, a Universidade Federal Fluminense (UFF) iniciou um processo de criação de um programa de mestrado em educação. Foi convidada para atuar como professora desse programa. Por esta razão, tem um documento que lhe confere o título de pioneira do mestrado em educação da UFF. Integrou, ainda, o primeiro corpo docente do programa de mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em todas essas instituições trabalhou durante dois ou três anos. Sua trajetória de formadora se consolidou na USU. Muitos professores do Curso de Pedagogia da USU foram seus alunos, seja na própria graduação na USU, seja no mestrado na PUC-Rio. Aposentou-se após percorrer uma trajetória profissional de cerca de 50 anos, notadamente marcada pelo pioneirismo na implantação de programas de formação de profissionais da educação.

M-60, a segunda entrevistada, nasceu na cidade de Rio Claro/SP. Coursou o primário, o ginasial e o normal na Escola Normal Puríssimo Coração de Maria, conhecida como a Escola das Freiras de sua cidade. Concluiu o Curso Normal no ano de 1953. Em prosseguimento, seguiu para a cidade de Campinas para fazer o Curso de Aperfeiçoamento no Instituto de Educação, visto que esse curso, à época, era oferecido apenas nesses Institutos, em reduzido número em todo o estado.

Em 1956, ingressou na rede pública de ensino do estado de São Paulo, como professora efetiva, onde atuou como professora alfabetizadora e de todas as demais séries do ensino primário. Durante dez anos exerceu essa atividade, atuando no contexto rural, na periferia e no grande centro, firmando-se, principalmente, como professora alfabetizadora.

Em 1965, decidiu prestar exame vestibular para o **Curso de Pedagogia**. Alcançou a primeira colocação, o que lhe conferiu a condição de ficar comissionada pelo estado, uma espécie de bônus do governo do estado de São Paulo para a formação de professores. Assim, dedicou-se exclusivamente ao curso, feito no período de **1965 a 1968**, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (FFCL-Rio Claro), futura Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP).

Após o Curso de Pedagogia, passou a ficar comissionada na Escola Experimental Vocacional Chanceler Raul Fernandes, conhecida como Ginásio Vocacional de Rio Claro. Trabalhou apenas um ano, pois, no final de 69, a Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) decretou seu fechamento.

Em sua opinião, a escola desenvolvia um trabalho pedagógico alternativo e progressista para a época, focado na formação integral do sujeito, buscando favorecer-lhe condições reais de exercício crítico da sua cidadania, apresentando-se, assim, como uma ameaça ao regime ditatorial.

Por conta do fechamento da escola, decidiu fazer concurso para professora de prática de ensino da Escola Normal de São José do Rio Preto, onde passou a atuar com a formação de professoras primárias. Assim como o Ginásio Vocacional de Rio Claro, a Escola Normal de São José do Rio Preto foi um tempo curto na sua vida, pois, em 1971, conseguiu ingressar como pedagoga e pesquisadora no Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), vinculado ao CNPq, para trabalhar em um projeto pioneiro de alfabetização via satélite para o Nordeste.

Em 1973, seguiu para os Estados Unidos, onde fez mestrado em educação, na Kennedy Western Reserved University. De volta ao Brasil, por volta de 1975, participou do processo seletivo para professores do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos/SP (UFSCAR). Mediante a aprovação, pediu exoneração do cargo de professora efetiva do estado de São Paulo, cuja última vinculação se deu no INPE, para firmar-se definitivamente no contexto acadêmico como professora e pesquisadora.

Em 1978, deu início ao doutorado em psicologia experimental, na Universidade de São Paulo (USP), concluído em 1985. Durante esse período conciliou as atividades de docente na UFSCAR e as atividades de discente do Programa de Doutorado do Instituto de Psicologia da USP.

Em 1988, transferiu-se para o Rio de Janeiro, migrando sua matrícula de professora da UFSCAR para a UFRj, onde trabalhou intensamente na graduação e na pós-graduação (mestrado e doutorado em educação), combinando ensino, pesquisa e extensão, até se aposentar, em 1993.

E-50, a terceira entrevistada, assim como a primeira, também nasceu em São Luiz do Maranhão/MA. Ainda criança, transferiu-se com a família para a cidade do Rio de Janeiro, devido ao contexto político-social da época. No ano de 1946, quando estava com nove anos de idade, retornou para a sua cidade natal, onde cursou o primário e o secundário (ginasial e colegial - científico) em colégios de padres e freiras.

Em **1957**, ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, futura Universidade Federal do Maranhão (UFMA), para **cursar Pedagogia**, tendo concluído em **1960**.

Desde os 15 anos de idade atuava como professora particular, mesmo sem ter feito o Curso Normal. Iniciou sua trajetória no contexto dos estabelecimentos de ensino, ainda na graduação, atuando no Instituto de Educação, na Escola Normal São Vicente e no Ginásio Professor Luís Vianna. O exercício profissional sem habilitação foi possível por meio de uma regulamentação federal que permitia a atuação docente antes de concluída a licenciatura, em função da necessidade de professores.

Antes mesmo de concluir o Curso de Pedagogia foi convidada para compor o quadro docente. Como o curso era organizado na estrutura 3+1 (3 anos de bacharelado e 1 ano de licenciatura) e estava no último ano, passou a atuar como professora da etapa referente ao bacharelado.

Concluída a graduação, integrou o quadro da Secretaria Estadual de Educação do Maranhão (SEE/MA), inicialmente na condição de técnica de educação e posteriormente como assessora de planejamento.

Trabalhou intensamente na organização de programas para a rádio Educadora do Maranhão, bem como em diversos movimentos instituintes destinados à educação das minorias sociais e em prol da liberdade e da democracia, mesmo em uma época de grande repressão e perseguição.

Em fins dos anos 60, conseguiu indicação da UFMA, onde trabalhava, para fazer mestrado nos Estados Unidos, por meio do acordo MEC-USAID. Chegou a ser aprovada no exame de proficiência da língua inglesa, mas viu sua bolsa ser

cancelada como uma forma de punição pelos movimentos sociais dos quais integrava e que se apresentavam contrários à ordem política estabelecida. Diante do agravamento da situação política que assolava o Brasil, saiu do Maranhão e aportou em Washington, EUA. Nesse país, cursou, em 1969, o Mestrado em Filosofia e Sociologia da Educação, na Michigan State University.

De volta ao Brasil, no início de 1970, fez um curso de especialização em planejamento educacional, pelo MEC, e reassumiu suas funções na UFMA, mas por pouco tempo. Logo em seguida, transferiu-se para o Rio de Janeiro, cuja primeira inserção profissional se deu na USU, no ano de 1971. Seguindo sugestão da primeira entrevistada, contactou os professores responsáveis pela organização do mestrado em educação da UFF, em pleno processo de implantação. De início, foi contratada como professora colaboradora e posteriormente como professora auxiliar de ensino, por meio de processo público de seleção.

Na UFF, consolidou sua carreira de professora e pesquisadora: auxiliar, adjunta, titular... Exerceu diversos cargos, dentre os quais: coordenadora do programa de mestrado em educação, conselheira do Conselho de Ensino e Pesquisa e membro do Conselho Universitário.

Em 1976, tornou-se livre-docente em fundamentos da educação, pela UFF. No início da década de 80 (1981-1984), seguiu para a Argentina, onde realizou os seus estudos de doutoramento em ciências da educação, na Universidad Nacional de Buenos Aires. Quase dez anos depois, realizou mais dois estudos de pós-doutoramento: em 1992, na Universidad Complutense de Madri, Espanha; e em 1993 na University of London, na Inglaterra.

O ensino e a pesquisa são marcas sempre presentes na sua trajetória. Suas publicações são inúmeras, dotando a área de uma fonte preciosa de investigação. Além de integrar o comitê avaliador de diversos encontros científicos nacionais e internacionais, bem como de várias editoras, sua atuação alcança alguns dos mais importantes órgãos de fomento à pesquisa e à ciência, exercendo, dentre outras, a função de parecerista do CNPq, da CAPES e da ANPEd. Atualmente integra a equipe dirigente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Sua trajetória registra, também, a participação direta na criação de várias associações importantes para a discussão do pensamento educacional e defesa da educação pública e gratuita para todos, dentre as quais destacam-se: Associação de Professores de História e Filosofia da Educação, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação e Associação de Educadores da América Latina e do Caribe.

Em 1991, se aposentou como professora titular da UFF, mas continuou exercendo suas atividades como professora formadora e pesquisadora, firmando-se cada vez mais como uma referência do pensamento educacional brasileiro.

L-60, a quarta entrevistada, nasceu em Caconde, pequena cidade do interior de São Paulo. Em uma escola pública dessa cidade fez o primário e o secundário. No decorrer do secundário, cursou o ginásial e o colegial. No colegial, fez o curso científico junto com a Escola Normal.

Concluída a Escola Normal, transferiu-se para a capital do estado, para **cursar Pedagogia**, na USP, no período de **1964 a 1967**. Seu desejo era cursar francês, visto que desde cedo foi muito estimulada pelos professores que teve e pela própria ambiência familiar no tocante à literatura e à língua francesa. Todavia, a experiência vivida na Escola Normal foi decisiva para optar pelo Curso de Pedagogia.

Alguns meses após ter iniciado o Curso de Pedagogia, recebeu a “cadeira prêmio”, titulação conferida pelo governo do estado aos melhores alunos da Escola Normal. Tal premiação lhe outorgou o direito de se tornar professora efetiva da Rede de Ensino do Estado de São Paulo. Sua primeira experiência como professora do estado se deu em uma escola da periferia de Osasco, em uma classe de 2ª série, composta de alunos que ainda não sabiam ler e escrever. No decorrer do ano conseguiu ficar comissionada pelo estado para dedicar-se exclusivamente aos estudos.

Do Curso de Pedagogia seguiu direto para o curso de especialização em orientação educacional da Faculdade de Educação da USP. Junto com a especialização, o retorno às salas de aulas para atuar como professora primária. Nessa seqüência, foi convidada para exercer a função de orientadora educacional no Ginásio Estadual Pluricurricular Experimental, o famoso Ginásio Experimental da Lapa. A experiência reunida como pedagoga escolar a encaminhou para a coordenação de projetos de formação continuada de orientadores, supervisores e coordenadores pedagógicos do estado de São Paulo.

No início dos anos 70, prestou concurso público para atuar no Curso Normal, deslocando sua matrícula de professora primária para professora formadora de professores. Concomitantemente, atuou como professora do Curso de Pedagogia de faculdades isoladas da rede privada de ensino superior, em São Paulo.

De 1973 a 1978 cursou mestrado em educação, com ênfase em psicologia da educação, na PUC-SP. No decorrer do curso foi convidada para ingressar nessa universidade como professora. Durante a década de 80, além de dar continuidade às suas atividades profissionais, dedicou-se ao doutorado em educação, também na PUC-SP, cuja pesquisa focalizou a formação dos orientadores educacionais. Nos anos de 1995 e 1996 desenvolveu na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, na França, um programa de pós-doutorado.

Na PUC-SP, consolidou-se como professora e pesquisadora. Sua trajetória registra a realização de vários projetos de pesquisa e inúmeras publicações. É uma das autoras organizadoras de uma coleção direcionada ao coordenador pedagógico, bastante considerada pelos pedagogos escolares no contexto de sua atuação¹.

No âmbito acadêmico, tem ocupado diversos cargos, como coordenadora do Curso de Pedagogia, chefe de departamento, coordenadora de cursos de especialização, membro do colegiado superior e vice-presidente da comissão geral de pós-graduação, além de integrar o comitê científico de algumas das mais importantes agências de pesquisa do país.

¹ Tal referência se baseia na minha prática de pedagoga e coordenadora, pelo período de dois anos, de um grupo de aproximadamente 135 pedagogos (orientadores e supervisores educacionais) da Rede Municipal de Educação de Niterói/RJ. No contato com esses profissionais, pude observar que os textos integrantes dessa coleção fundamentavam boa parte das suas reflexões e tentativas teórico-práticas de exercício pedagogo.

N-60, a quinta entrevistada, nasceu em Campinas/SP. Viveu em um contexto familiar cercado de arte, cultura, literatura e educação. Nas escolas de elite da cidade cursou o primário e o secundário, chegando ao Curso Normal. Sempre quis ser professora, ofício com o qual conviveu desde criança, visto que a sua mãe tinha uma escola na própria casa.

Do Curso Normal seguiu para o **Curso de Pedagogia**, cursado na PUC-Campinas, no período de **1965 a 1968**. Chegou a pensar em cursar Psicologia, mas, diante do forte desejo de trabalhar formando professores, não hesitou e se manteve no percurso inicialmente definido. Enquanto cumpria com as exigências do Curso de Pedagogia trabalhava como professora na escola da mãe. Os dois últimos anos do curso foram conciliados, também, com a experiência de professora de filosofia do curso científico do colegial de uma escola particular da cidade e com a de coordenadora pedagógica dessa mesma escola.

No último ano da graduação, 1968, cursou uma especialização em administração escolar, na própria PUC-Campinas. Concluídos os cursos, continuou trabalhando como coordenadora pedagógica e professora de filosofia, abarcando as duas pontas do ensino, o primário e o colegial-científico. Poucos anos depois, eles se tornariam 1º e 2º graus, mediante o advento da LDB nº. 5.692/71. Tal mudança legislativa apresentou-lhe uma demanda de trabalho focada no planejamento educacional, razão pela qual passou a integrar as equipes da Delegacia Estadual de Ensino.

Em função da instalação de uma nova escola estadual na cidade de Campinas, no início dos anos 70, foi designada pela SEE/SP para acompanhar o processo de montagem pedagógico-administrativa da unidade. A integração com a comunidade foi a tônica que imprimiu para os planejamentos desenvolvidos.

Em 1972, transferiu-se para Brasília, onde residiu por um ano, durante o qual trabalhou como professora de psicologia da educação, em uma faculdade particular isolada.

De volta a São Paulo, passou a integrar o corpo docente das Faculdades Metropolitanas Unidas (UNIFMU), onde atuou de 1973 a 1983. Na UNIFMU, trabalhou como professora titular do Curso de Pedagogia, coordenadora do curso

e chefe do departamento de educação. Foi responsável, nesse período, pela concepção e implementação de um projeto de formação de professores do ensino superior. Todos os professores contratados pela instituição deveriam cursar os módulos preparatórios para a docência superior. Essa experiência a impulsionou para o programa de mestrado em educação da PUC-SP. Apesar de ter cumprido com boa parte dos requisitos para a titulação, optou por não levar o projeto até o final. Antes disso, no período de 1976 a 1979, especializou-se em psicologia da educação, pela PUC-SP.

Na década de 80, decidiu desvelar a escola pública por dentro. Para tanto, procurou aliar às atividades de formadora a de gestora de escola. Após submeter-se ao concurso da SEE/SP para administrador escolar, exerceu por onze anos consecutivos, a partir do ano de 1984, a função de diretora efetiva de uma Escola Estadual de 1º e 2º Graus. No decorrer dos anos de 1984 a 1996 trabalhou ativamente, articulando o trabalho de dirigir essa escola com o de pesquisa, consultoria, formação de docentes e implantação do projeto escola padrão, todos vinculados à SEE/SP.

O ano de 1984 também marcou a sua entrada para a Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP, onde ficou até o ano 2000. Ali trabalhou como professora titular, pesquisadora e, também, gestora, uma vez que chegou a exercer as funções de coordenadora do Curso de Pedagogia e de diretora da Faculdade de Educação, Letras e Filosofia.

Ao longo do ano de 1994 participou de um importante projeto de pesquisa do Departamento de Educação do MEC (DEMEC/SP), cuja investigação objetivou diagnosticar e propor reformulações para os Cursos de Pedagogia do estado de São Paulo. Integrar o grupo de especialistas responsável por essa pesquisa, desenvolvê-la e se confrontar com os dados obtidos, mais a experiência que reunia como formadora de pedagogos e como pedagoga escolar reforçaram o desejo de investir na complexidade da pedagogia como objeto de estudo. Por esta razão, retornou à PUC/SP para fazer o mestrado em educação (1994-1996) e seguiu para a USP para fazer o doutorado (1999-2001).

Durante o período de 2000 a 2002 coordenou o Curso de Pedagogia das

Faculdades Integradas Rio Branco (FIRB), encaminhando-se, em seguida, para a Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), para instalar o programa de mestrado em educação, onde atualmente permanece na condição de coordenadora do programa.

Trata-se de uma autora bastante conhecida no contexto acadêmico pelo seu movimento de pesquisa, formação e atuação pela e para a pedagogia. Além das publicações que reúne, coordena uma série de publicações sobre saberes pedagógicos da Cortez Editora. Registra-se, também, sua participação como parecerista de diversos periódicos e integrante de comitês avaliadores dos mais renomados encontros científicos da área.

K-60, a sexta entrevistada, nasceu na cidade de Amparo/SP. Em 1951, com cinco anos de idade, ingressou em um Jardim de Infância dessa cidade, experiência pouco comum na época. Filha de mãe professora e pai administrador de fazendas, vivenciou, ao longo da infância e adolescência, a experiência de mudar de cidades, conforme a demanda de trabalho do pai. Assim é que, no início da década de 50, seguiu para Londrina/PR, onde cursou, em 1952, o 1º ano do primário no Colégio Mãe de Deus, uma tradicional escola particular da cidade. Pouco tempo depois, transferiu-se para Limeira/SP, onde fez o 2º e a metade do 3º ano primário no Grupo Escolar (1953-1954). A conclusão do 3º ano e o curso do 4º e do 5º anos do primário se deram em um Grupo Escolar da cidade de Mogi Mirim/SP (1954-1956). O ginásio foi cursado em duas partes, uma em Mogi Mirim, em uma instituição particular denominada Colégio Imaculada Conceição (1957-1958), e outra em Limeira, no Colégio São José, também particular (1959-1960). Concluído o ginásio, ingressou no colegial desse último colégio, onde fez o Curso Normal, no período de 1961 a 1963.

Tão logo se formou professora primária, decidiu **cursar Pedagogia**, o que fez nos anos de **1964 a 1967**, na FFCL-Rio Claro, sendo contemporânea da segunda entrevistada, que ingressou um ano depois nessa mesma instituição.

Iniciou sua trajetória de docente como professora substituta da SEE/SP. No último ano do Curso de Pedagogia começou a atuar como professora de matemática e ciências do curso ginásial de escolas estaduais que apresentavam carência de professor. Ao graduar-se em Pedagogia, obteve a licença para atuar como professora de matemática da primeira etapa do ginásial.

Em 1969, a FFCL-Rio Claro instalou um Colégio de Aplicação, onde trabalhou, por aproximadamente dois anos (1969-1970), como coordenadora de práticas educativas de arte e cultura, após concurso para este fim. Em 70, prestou concurso para professora da própria faculdade, passando a atuar como professora de didática do Curso de Pedagogia. Nessa faculdade trabalhou até o ano de 1976, quando ela se transformou, junto com as demais faculdades e os institutos isolados do interior paulista, na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP).

Com a criação da UNESP, as faculdades existentes nas cidades de Rio Claro, Araraquara e Franca compuseram uma região administrativa, devendo cada unidade trabalhar com cursos diferenciados. Por esta razão, o Curso de Pedagogia passou a ser oferecido apenas na UNESP de Araraquara e na de Marília, sendo esta pertencente à outra região administrativa. Escolheu transferir-se para a de Araraquara, onde permaneceu até o final da década de 90.

Na UNESP, se consolidou como professora formadora, pesquisadora e gestora. De 1970 a 1974, atuou como professora assistente, exercendo as atividades de ensino, pesquisa e extensão, articuladas às assessorias oferecidas aos professores e às escolas para desenvolvimento de projetos. De 1974 a 1990, ficou enquadrada na condição de professor assistente doutor. Nesse período exerceu inúmeras funções, dentre elas as de presidente do conselho departamental, chefe de departamento, coordenadora do núcleo regional de ensino de Araraquara e coordenadora do Curso de Pedagogia. A partir de 1990, alcançou a condição de professora adjunta, aposentando-se em 1995.

Permaneceu trabalhando na universidade por mais um tempo, exercendo, articuladamente ao ensino na graduação e na pós-graduação, a função de vice-diretora da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Araraquara, a coordenação do processo de implantação de um programa de pós-graduação e o desenvolvimento de um amplo projeto de pesquisa envolvendo as escolas públicas da região.

Em 1970, quando começou a atuar como professora formadora de pedagogos, iniciou o doutorado em ciências da educação, na própria faculdade onde trabalhava, FFCL-Rio Claro, concluindo em 1974. No ano de 1990 conquistou o título de livre-docente, pela UNESP-Araraquara, e no período de 1997 a 1999 especializou-se em avaliação, pela Universidade de Brasília (UNB).

No ano de 1999, recebeu um convite para trabalhar como professora visitante na PUC-SP, onde permanece, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação, na condição de professora livre-docente.

Ao longo de sua trajetória tem integrado diversos comitês científicos de editoras, periódicos, encontros acadêmicos e agências de fomento à pesquisa.

Trata-se de uma professora e pesquisadora com amplo reconhecimento na área, ocupando posições-chave. Sua produção de pesquisa é bastante rica, focada, em especial, nos temas referentes ao trabalho docente, à formação de professores, à didática e à organização da escola e suas práticas pedagógicas.

G-50, a sétima entrevistada, nasceu na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Desde cedo experimentou o sabor de saber. Sua ambiência familiar e social foi cercada de estímulos. Na vila onde morava existia uma escola organizada informalmente pelas crianças nos finais de semana, onde se alfabetizou. O primário foi cursado parte em uma escola pública e parte no Colégio Jacobina.

O desejo de ser professora se manifestou cedo, o que levou seus pais a planejarem sua trajetória de estudo secundário no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ). Terminado o curso primário, fez o curso de admissão e prestou concurso para o IERJ, alcançando aprovação. No IERJ fez o curso ginásial e em seguida o Curso Normal, vivendo sob a influência dos anos dourados.

Nessa época, o concluinte do Curso Normal ingressava direto no sistema estadual de ensino (SEE/RJ), conforme pontuação obtida no curso. Foi o que aconteceu com ela. Foi trabalhar como professora primária em uma escola na Ilha do Governador, sendo transferida, posteriormente, para Botafogo, onde atuou até concluir a graduação.

Confirmando a opção pela carreira de professora, após o Curso Normal, ingressou na PUC-RJ para **cursar Pedagogia**, nos anos de **1958 a 1962**. No último ano da graduação em Pedagogia foi agraciada pela universidade com uma bolsa de estudos para fazer um curso de aperfeiçoamento em educação e filosofia, na Université Catholique de Louvain, na Bélgica, onde viveu no ano de 1963. Nessa época a Faculdade de Filosofia da PUC-Rio, sob a direção do padre Bento, buscava formar um quadro docente qualificado para implantar a pós-graduação. Uma das estratégias recaiu sobre o investimento nos melhores alunos. Foi como aluna e voltou professora da PUC-Rio, atuando como assistente das disciplinas didática e história da educação, do Curso de Pedagogia.

Concomitante à sua iniciação como professora formadora do Curso de Pedagogia, ocorreu também sua iniciação como professora formadora do Curso Normal. Após participar do concurso de acesso da SEE/RJ, migrou sua matrícula de professora primária para professora do Curso Normal, passando a trabalhar no Colégio Estadual Ignácio de Azevedo do Amaral e no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, onde estudou.

Trilhou uma carreira de 25 anos na SEE/RJ, abarcando todos os níveis e instâncias de ensino. Além de professora primária e professora do Curso Normal, atuou como membro do Conselho Estadual de Educação (CEE/RJ) e como orientadora de tese do programa de pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

No ano de 1967, saiu mais uma vez do Brasil para doutorar-se em educação, na Universidad Complutense de Madri, na Espanha. Ali ficou até 1969, quando defendeu tese. Em fins dos anos 80 (1988), retornou à universidade para desenvolver mais um programa de estudo: o pós-doutorado.

No contexto universitário, trabalhou também na UFF, como professora horista do programa de mestrado recém-implantado. Todavia, foi na PUC-Rio que se consolidou academicamente, chegando à condição de professora titular. Ao longo de mais de 30 anos vem construindo uma respeitada trajetória de ensino e pesquisa, tendo intensa participação na graduação e na pós-graduação, tanto no nível de mestrado como no de doutorado. Seus trabalhos são paradigmáticos na área. Suas publicações, em número bastante expressivo, alcançam o chão da escola, seja pública ou privada, a academia e os encontros científicos. Tangenciada pelas questões atinentes à educação e aos direitos humanos, discute a cultura, o currículo intercultural, a didática, a formação de professores, enfim, o cotidiano escolar e suas tensões, que se fazem desafios.

Apesar do alcance de sua produção na academia, sua atuação transcende esse universo e aporta em uma Organização Não-Governamental (ONG), onde trabalha como assessora pedagógica de projetos de educação, cidadania e direitos humanos, tanto no contexto formal como no não-formal, chegando a integrar o Conselho Nacional de Educação e Direitos Humanos.

Como boa parte dos sujeitos desta pesquisa, também integra os principais comitês científicos do país e do exterior. Foi membro de comissões de diferentes órgãos governamentais e consultora da CAPES, CNPq e FAPERJ.

D-50, o oitavo entrevistado, nasceu em Rio Claro/SP, a mesma cidade da segunda entrevistada. Nela fez o primário e o secundário. No secundário, cursou o ginásial e em seguida o Normal. Por influência da família, com irmã e prima professoras primárias bem-sucedidas, decidiu que queria ser professor de Escola Normal.

Concluído o Curso Normal, considerou adequado dar continuidade aos estudos, por meio de um curso de aperfeiçoamento. Nessa época, meado da década de 50, a FFCL-Rio Claro ainda não tinha Curso de Pedagogia e não havia outros cursos de formação de professores em Rio Claro, além do Curso Normal. Por esta razão, decidiu transferir-se para Bauru, cidade próxima, para prosseguir na formação acadêmica. Quando procurou a universidade existente na cidade para inscrever-se no curso de aperfeiçoamento, tomou conhecimento da recente instalação ali do Curso de Pedagogia. Diante da intenção de melhorar sua posição, tornando-se, além de professor primário, também professor secundário, o Curso de Pedagogia configurou-se como a opção mais adequada, visto que o aperfeiçoamento possibilitaria uma especialização sem alterar a sua condição de professor primário, já alcançada.

Assim, **cursou Pedagogia** no período de **1954 a 1957**, na Universidade do Sagrado Coração de Jesus, integrando a primeira turma de Pedagogia dessa instituição. Concluído o curso, obteve o registro de professor das disciplinas pedagógicas do Curso Normal, como também de história e matemática do ginásial.

Enquanto fazia a faculdade em Bauru, lecionou em uma pequena Escola Normal do município de Iacanga. O diretor dessa escola recrutava os melhores alunos da faculdade próxima para atuar como professores na Escola Normal, visto que o número de professores licenciados era bastante reduzido nessa época.

Com o término do Curso de Pedagogia, submeteu-se aos exames anuais do concurso público para professor efetivo do estado. Sua opção era a Escola Normal. Para tanto, viveu um processo seletivo bastante exigente e demorado, constando de prova escrita com ponto sorteado, prova oral com banca e prova didática. Passou boa parte do ano de 1958 envolvido com o concurso. Enquanto

isso, trabalhava como professor do Curso Normal do Instituto de Educação da cidade de Avaré/SP, uma instituição privada.

Aprovado no concurso, alcançou, aos 21 anos de idade, a condição de professor efetivo do estado de São Paulo, cujo exercício inicial se deu na Escola Normal do Estado, localizada na cidade de Pompéia. Em Pompéia, atuou como professor de psicologia da educação e de filosofia e história da educação.

Além da Escola Normal do estado em Pompéia, também, atuou, dentre outros, no Instituto de Educação de Penápolis. Historicamente, os Institutos de Educação se constituíram como uma fonte de abastecimento dos cursos superiores oferecidos pelas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Por esta razão, no final da década de 60, foi convidado para retornar à cidade para atuar como professor da FFCL de Penápolis, originária do Instituto de Educação, onde havia anteriormente trabalhado.

Em 1968 ocorreu a Reforma Universitária e no ano seguinte a reforma do Curso de Pedagogia, instituindo as habilitações. Na condição de chefe do departamento de administração e supervisão escolar da FFCL de Penápolis, recebeu a incumbência de reformular o curso de acordo com a nova configuração curricular proposta.

Nos anos de 1969 a 1970, especializou-se em administração escolar, na mesma universidade onde se graduou, em Bauru. Em 1973 ingressou no programa de mestrado em educação da USP, tendo concluído em 1977. Não muito tempo depois, 1979, seguiu para a PUC-SP, onde realizou os estudos de doutorado em educação, concluídos no ano de 1983.

Tanto no mestrado quanto no doutorado, a temática da supervisão escolar constituiu o seu interesse de pesquisa. A necessidade de reorganizar o currículo do Curso de Pedagogia de Penápolis e, posteriormente também, da FFCL da UNESP-Marília, o colocou diante da demanda de conceber os meios teóricos e práticos de objetivação das habilitações do Curso de Pedagogia, em especial a de supervisão. Na contramão da história do pensamento educacional, notadamente marcado, nesse período, pelas influências do tecnicismo, buscou pensar uma diretriz teórica inicial e própria para o conjunto de disciplinas que compunham a habilitação. A

crítica em torno das relações de trabalho estabelecidas no interior da escola, posicionando-se contra a fragmentação e a favor da vontade coletiva, representou o mote principal da sua discussão, sem se ocupar se deveria ou não ser e se manter como habilitação. Nesse sentido, seu trabalho de tese se constituiu como uma das principais referências da supervisão escolar, no Brasil, mesmo sem ter defendido essa habilitação para a formação do pedagogo. Tal envolvimento com as discussões em torno da supervisão escolar provocou o estreitamento do seu contato com os praticantes, sendo constantemente convidado pelas Secretarias de Educação para discutir essa habilitação e sua objetivação nos contextos para os quais foi pensada.

No ano de 1974, enquanto fazia mestrado na USP, ingressou, por meio de concurso, para o corpo docente da FFCL-Presidente Prudente, uma das que comporia, em 1976, a UNESP. As FFCL de Presidente Prudente e de Marília formaram uma região administrativa, ficando o Curso de Pedagogia no campus de Marília. Por esta razão, em fins da década de 70, teve que se transferir para Marília, à semelhança da sexta entrevistada, que seguiu para Araraquara.

No ano de 1985 integrou o corpo docente da FEUSP, atuando no departamento de metodologia do ensino e da educação comparada. No período de 1985 a 1997 conciliou as atividades de docência e pesquisa na UNESP e na USP. Nesse período, além da sua atuação nessas universidades, realizou seus estudos de pós-doutorado, nos anos de 1988 a 1990, na UNESP-Marília, onde alcançou, também, a condição de livre-docente.

Na UNESP-Marília, viveu a maior parte de sua trajetória de professor e pesquisador, exercendo posições-chave para a consolidação dos estudos pedagógicos no contexto acadêmico. Além de chefe do departamento de administração e supervisão escolar, foi um dos responsáveis pela implantação do programa de pós-graduação em educação (mestrado e doutorado), o que lhe conferiu, no início dos anos 90, a condição de consultor para implantação de outros programas de pós-graduação no Brasil.

No tocante à luta pelas condições de trabalho dos professores, expressou suas posições através de pesquisa e de ações concretas nessa direção, como, por

exemplo, a organização de uma das primeiras associações de docentes. Foi um dos fundadores e secretário da primeira diretoria da Associação dos Docentes da UNESP (ADUNESP).

Q-60, a nona entrevistada, nasceu na cidade de Promissão/SP. Nessa cidade fez o curso primário e as três primeiras séries do ginásio do curso secundário, no Externato Xavier, uma instituição particular confessional, dirigida por um grupo de freiras. As experiências de aprendizagem que viveu nessa fase foram marcadas pela influência do escolanovismo, com seus métodos ativos.

No ano de 1961, transferiu-se com a família para a cidade de Lins/SP, onde cursou a 4ª série do ginásio no colégio estadual. Em continuidade, fez o Curso Normal no Instituto de Educação 21 de Abril de Lins, no período de 1962 a 1964. Se em Promissão as marcas da educação escolar foram as da escola nova, em Lins, predominou a escola tradicional. Por opção, decidiu que experimentaria o ensino público dessa época, não se fixando apenas nas experiências escolares do ensino confessional.

Nesse sentido, sua formação escolar permitiu o contato com algumas forças antagônicas da educação: o espaço privado e o público; o ensino renovado e o tradicional; a educação confessional e a laica. Tais marcas se fizeram sentir na sua trajetória, em especial no processo de se construir pedagoga.

Terminado o Curso Normal, desejou cursar Psicologia, o que requereria sua mudança para Ribeirão Preto. Tal aspiração não obteve o apoio da família, levando-a a não ingressar de imediato no ensino superior. Por esta razão, no ano de 1965, fez curso de aperfeiçoamento em magistério primário no mesmo Instituto de Educação onde realizou o Curso Normal. Nesse mesmo ano iniciou sua trajetória de professora, atuando como professora substituta da SEE/SP. Sua primeira atuação se deu numa classe de 4ª série. Na condição de substituta, não contava com a garantia de obter anualmente uma classe para lecionar, o que seria definido de acordo com a escala da SEE/SP. Na época, os interessados se inscreviam para professor substituto e, de acordo com a pontuação obtida no Curso Normal, ocupavam uma posição na lista de classificados, sendo contactados para assumirem turma onde existisse carência de professores efetivos.

Do Curso Normal para o Curso de Aperfeiçoamento, do Curso de Aperfeiçoamento para o Curso de Pedagogia. Se havia dúvidas em relação à Pedagogia por conta do interesse pela Psicologia, esta foi dirimida durante o

aperfeiçoamento. Este curso, complementar ao Normal, ajudou a firmar a decisão de ser professora. Desta forma, fez o **Curso de Pedagogia** nos anos de **1966 a 1969**, na Faculdade Auxilium de Filosofia, Ciências e Letras de Lins, onde, também, no mesmo período, se especializou em cultura filosófica.

Durante o Curso de Pedagogia, ingressou, após concurso, no Centro Educacional do Serviço Social da Indústria de Lins (SESI), onde atuou como professora do ensino primário, no ano de 1967.

Em 1968 sua família retornou para Promissão, o que a levou a viver os dois últimos anos da faculdade entre as duas cidades: Promissão e Lins. Fez concurso para o SESI de Promissão e conseguiu ser admitida como professora. Assim, conciliou a moradia e o trabalho em Promissão com os estudos em Lins.

No último ano da faculdade, tomou conhecimento de um concurso para pedagogo das Centrais Elétricas de São Paulo (CESP), para trabalhar na implantação do sistema educacional de Ilha Solteira. Após concluir o Curso de Pedagogia e cumprir as exigências do processo seletivo, adentrou um novo campo de atuação para o pedagogo. Trabalhou em Ilha Solteira durante dois anos (1970-1971), imersa nas demandas do ofício de coordenadora pedagógica de uma de suas escolas primárias. Durante este período, participou do concurso para professor do estado de São Paulo, assumindo a condição de professora efetiva no ano de 1971.

Em 1972 deixou Ilha Solteira e o projeto pioneiro de coordenação pedagógica que implantou ali, para viver na capital paulista. Conseguiu ficar comissionada na SEE/SP, trabalhando na Divisão de Assistência Pedagógica, responsável pelo aperfeiçoamento pedagógico dos profissionais da educação.

Nesse mesmo ano, passou a integrar o corpo docente do Curso de Pedagogia da Universidade São Marcos (UNIMARCO), onde trabalhou até o ano de 1982, exercendo, de 1975 a 1979, a posição de chefe do departamento de ciências da educação da FFCL dessa universidade. Concomitantemente, atuou em outras instituições particulares de ensino superior, tais como a Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira. Em decorrência da expansão do ensino superior pela via das faculdades particulares e as mudanças imprimidas no Curso de Pedagogia

com a introdução das habilitações, um campo de atuação se abriu para os profissionais que reuniam experiência com as atribuições correspondentes a cada uma das habilitações. Assim, adentrou o contexto acadêmico na condição de professora formadora de pedagogos.

Nos anos de 1973 e 1974, fez um curso de aperfeiçoamento em Pedagogia, no Centro Universitário Fundação Santo André. Em 76, iniciou um longo curso de especialização em Supervisão e Currículo, na PUC-SP, finalizando no ano de 1980.

Em 1982 passou a trabalhar na UNESP-Marília, buscando, além do exercício da docência, o da pesquisa. Na condição de professora assistente integrou o departamento de administração e supervisão escolar da Faculdade de Filosofia e Ciência, responsável pelo Curso de Pedagogia, exercendo diversas funções no colegiado.

As questões referentes ao Curso de Pedagogia constituíram o seu objeto principal de estudo. Inquieta com o curso desde quando ingressou nele como aluna, passou a investir com mais afinco nas discussões acerca da sua estrutura e funcionamento a partir do meado da década de 70. Nesse sentido, aceitou integrar o Comitê Pró-Participação na Reformulação do Curso de Pedagogia e Licenciatura – Regional de São Paulo, organizado em 1981, passando a atuar diretamente nos diferentes espaços de discussão e proposições acerca do curso. As experiências reunidas como aluna, como pedagoga, como formadora e como integrante desse Comitê impulsionaram seus estudos, em especial no tocante à identidade do Curso de Pedagogia, levando-a a pesquisar e produzir um conjunto de dados teóricos e legais, que ajudaram a subsidiar as discussões sobre a redefinição do curso, no início da década de 80. A pesquisa pretendida e que buscava levar a cabo em um programa de mestrado, nessa época, precisou ser adiada, sendo retomada na década de 90 (1995-1998), quando fez o mestrado na UNESP-Marília. A passagem do tempo não afetou a atualidade do problema. Por meio de uma pesquisa histórica, abordou a controvertida e difusa identidade do Curso de Pedagogia, firmando-se no campo acadêmico como uma das principais referências do estudo desse curso em nosso país.

H-50, a décima entrevistada, viveu boa parte de sua infância e adolescência na cidade de Matão, interior de São Paulo. Pertencente a uma família de origem italiana, cresceu sob as influências de camponeses e artesãos, que cultivavam a sua cultura, a leitura e o diálogo. Antes de ingressar no curso primário, frequentou um Jardim de Infância particular próximo a sua casa. Movida pela curiosidade acerca do que se fazia nesse espaço, começou espontaneamente a participar das atividades, seguindo as crianças que se dirigiam para ali, à revelia de sua família. O domínio da leitura, concretizado aos quatro anos no contexto familiar, se ampliou diante da diversidade de trabalhos que valorizavam a integralidade dos conhecimentos, no contexto dessa instituição.

Em Matão, cursou o primário e o secundário, sempre em escola pública. No secundário, fez o curso ginásial, a escola técnica e a Escola Normal. Seu desejo era fazer o científico, mas, na falta dele em sua cidade, foi encaminhada, pelo pai, para o Curso Normal. Nesse curso, foi aluna do primeiro grupo de professores concursados para a Escola Normal, da SEE/SP. Embora não pensasse em seguir a carreira docente, a partir dos 14 anos de idade passou a trabalhar como professora de curso preparatório para o exame de admissão.

Concluído o Curso Normal, transferiu-se para a capital do estado, para **cursar Pedagogia**, nos anos de **1959 a 1962**, na USP. Apesar de oriunda da Escola Normal, seu desejo era fazer Curso de Biologia ou Psicologia. Nessa época, a Psicologia ainda não existia enquanto curso superior, já Biologia exigia um amplo domínio de disciplinas que considerava ter estudado pouco, visto não ter cursado o científico. Nesse contexto, a Pedagogia se configurou como uma boa alternativa. Além de dar seqüência à formação iniciada no Curso Normal, estudaria conhecimentos de diferentes tradições disciplinares, incluindo a biologia e a psicologia, de que tanto gostava.

Quando concluiu o Curso Normal, ganhou a cadeira prêmio da SEE/SP, por ter alcançado o melhor índice avaliativo durante e ao final do curso, tornando-se professora efetiva do estado de São Paulo. O ingresso no Curso de Pedagogia lhe garantiu a condição de ficar comissionada na USP, para dedicar-se aos estudos. Tão logo terminou o Curso de Pedagogia assumiu, em 1963, sua cadeira no estado, atuando como professora de uma classe de alfabetização. Na parte da

manhã trabalhava como professora primária do estado e à tarde se dividia entre as atividades de orientadora educacional do Colégio de Aplicação da USP e de estudante do curso de especialização em orientação educacional, também da USP. Dois anos depois, conseguiu ficar comissionada como professora do estado no Colégio de Aplicação da USP, exercendo a função de orientadora educacional.

Após a especialização em orientação educacional, iniciou outra em estatística, sobre métodos e modelos experimentais. O desempenho ao longo do curso lhe rendeu um convite para integrar o corpo docente do Instituto de Estatística da USP. Assim, no meado da década de 60, se viu como professora da USP, onde trabalhou até o meado da década de 80. Sua ação de professora e pesquisadora se fez sentir nos Cursos de Estatística, de Pedagogia e de Psicologia. No contexto da graduação, atuou, principalmente, com as disciplinas ligadas à estatística.

No ano de 1968, seguiu para a França, onde fez doutorado em psicologia, na Université Paris VII, tendo concluído no ano de 1972. Na construção da tese buscou conjugar conhecimentos da educação, da psicologia social e da estatística, adotando como parte do campo empírico o trabalho desenvolvido com os alunos do Colégio de Aplicação da USP, onde atuava como orientadora educacional. Do doutorado seguiu, de imediato, para dois programas de estudo de pós-doutorado: um deles desenvolvido na Pennsylvania State University, nos Estados Unidos, no ano de 1973, e o outro realizado na Université de Montreal, no Canadá, no ano de 1974.

Em 1974, recebeu convite para trabalhar no departamento de pesquisas da Fundação Carlos Chagas (FCC), em processo de implantação, na época. Integra o quadro dessa importante agência científica do nosso país há mais de 30 anos, construindo ao mesmo tempo a história da FCC e a sua própria história de pesquisadora.

Sua relação com a formação de pedagogos passa pela importante posição que ainda ocupa na construção da pesquisa em educação no Brasil. Sua trajetória evidencia o seu pioneirismo na implantação de alguns dos mais importantes programas de pós-graduação em educação no país.

Além da USP, atuou na UFSCAR, de 1975 a 1978, e, também, na PUC-SP, onde permanece vinculada desde 1978. De 1978 a 1993, trabalhou como professora visitante, na Université Paris I, respondendo por dois módulos do curso de doutorado.

Seu compromisso com a educação se fez sentir também no Conselho Estadual de Educação (CEE/SP), onde atuou como conselheira no período de 1997 a 2001, exercendo a presidência em vários mandatos.

Sua atuação como pesquisadora a colocou na condição de parecerista, consultora ou mesmo integrante do comitê gestor dos mais importantes órgãos de fomento à pesquisa e de desenvolvimento educacional do Brasil e do exterior: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); International Development Research Centre (IDRC-Canadá); Fundação Brasileira para o Ensino de Ciências (FUNBEC); Fundação Vitae (VITAE); Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP); Ação Educativa (AE); Instituto Internacional de Pesquisa em Educação (IIPE/Unesco-Argentina); Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd); e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP/MEC).

F-50, a décima primeira entrevistada, nasceu em Goiás/GO, mudando-se para Goiânia com três anos de idade. Na nova capital do estado fez o curso primário e o secundário em escolas públicas. No secundário, fez o curso ginásial e em seguida o Curso Normal, no Instituto de Educação de Goiás, em plena década de 50 (1956-1957).

Tal como boa parte dos entrevistados, tão logo terminou o Curso Normal, ganhou a cadeira prêmio e alcançou a posição de professora efetiva do estado de Goiás. Foi designada para atuar no Jardim de Infância da Escola de Aplicação do Instituto de Educação, onde fez o Curso Normal, recém-inaugurado. Ali atuou como professora durante dez anos (1958-1968).

Do Curso Normal, terminado em 1957, seguiu para o **Curso de Pedagogia**, na FFCL-Goiás, iniciado em **1958** e concluído em **1961**. Nessa época, Pedagogia era o único curso superior existente na cidade de Goiânia. Mais tarde, a FFCL comporia a Universidade Católica de Goiás.

Durante o Curso de Pedagogia ingressou no Instituto de Educação, por meio de concurso público, para atuar no Curso Normal como professora de desenho pedagógico. Assim, por algum tempo, conciliou três atividades: estudante de pedagogia, professora do Jardim de Infância e professora de desenho pedagógico do Curso Normal. Findo o Curso de Pedagogia, surgiu a oportunidade de concorrer a uma vaga de professor de didática do Curso Normal. Fez o concurso, alcançou aprovação e deixou o desenho pedagógico para se consolidar como professora de didática.

No Jardim de Infância onde trabalhava, desde quando concluiu o Curso Normal, alcançou a posição de diretora. Durante sua gestão, ocorreu a mudança de localização, para que o estado pudesse construir uma Escola Superior de Educação Física (ESEF-Goiás). Como diretora, acompanhou o processo de construção do novo Jardim de Infância do Instituto de Educação, intervindo diretamente na sua arquitetura. Aproveitou a oportunidade para cursar, nessa época (1965 a 1967), licenciatura em educação física, na ESEF-Goiás, recém-criada. Antes mesmo de concluir essa graduação, foi convidada para substituir a professora de didática, experimentando a condição de aluna e professora de um

mesmo curso. Assim que concluiu educação física, foi efetivada como professora titular de didática de sua Escola Superior (ESEF-Goiás), adentrando, desta forma, o contexto da graduação como professora formadora.

Em 1969, participou, como bolsista do INEP, de um programa de especialização de formação de professor, promovido pelo Centro de Pesquisas e Recursos Humanos João Pinheiro (CPRHJP). No ano de 1972 conseguiu afastamento temporário de suas atividades como professora de didática do Curso Normal do Instituto de Educação e da ESEF-Goiás, para dar continuidade à formação acadêmica. Assim, nesse mesmo ano, seguiu para Belo Horizonte, onde fez especialização em orientação e administração educacional, na PUC-MG. Aproveitou a oportunidade para cursar, também, uma especialização em inspeção de ensino, em uma faculdade particular isolada. Desta forma, complementou a formação iniciada no Curso de Pedagogia, abarcando todas as frentes de atuação: magistério, supervisão, orientação, administração e inspeção educacional. No ano seguinte, 1973, foi para o Rio Grande do Sul, onde fez mestrado em educação, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), tendo concluído no mesmo ano.

Em 1974, de volta a Goiânia, recebeu um convite da SEE/Goiás para atuar na implantação da reforma educacional decorrente da LDB nº. 5.692/71. Deixou suas atividades de docente para ficar comissionada na SEE/Goiás, na condição de primeira curricularista do estado.

A experiência reunida à frente da reforma curricular no estado de Goiás a preparou para ingressar, logo depois, em 1975, na equipe nacional de currículo de ensino de 2º grau, do MEC. Por esta razão, transferiu-se para Brasília, onde prosseguiu sua carreira de pedagoga, professora formadora e pesquisadora. No MEC permaneceu até 1981, chegando a ocupar a posição de coordenadora da equipe, responsabilizando-se pela implantação da reforma do ensino de 2º grau em todo o território nacional.

No ano de 1981, participou do processo seletivo para professor de didática da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), aprovada em primeiro lugar. Dessa forma, deixou o MEC para se consolidar de vez na universidade.

Nos anos de 1984 a 1988 fez o doutorado em educação, na Universidade

Estadual de Campinas (UNICAMP), e nos anos de 1997 e 1998 fez pós-doutorado, também na UNICAMP.

Após o doutorado, recebeu convite para integrar o corpo de professores e pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB), encerrando em 89 o seu primeiro ciclo na UFU e iniciando um outro na UnB, onde se aposentou em 1994. Mesmo aposentada, continua vinculada à UnB como pesquisadora associada sênior do CNPq.

A aposentadoria ainda não pôs fim às suas atividades como formadora e pesquisadora. Atuou como professora visitante do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no período de 1995 a 1997. Retornou no ano de 2000 a UFU, como professora visitante, também, da pós-graduação, onde permaneceu até o ano de 2004. A partir de 2004 ingressou no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), onde exerce a função de professora titular do programa de mestrado em educação.

Sua produção acadêmica é extensa. São inúmeras as pesquisas desenvolvidas e as obras publicadas. Sua trajetória lhe possibilitou um contato estreito com o campo de formação e atuação do pedagogo, desde a educação infantil, passando pelo ensino fundamental e médio, no âmbito de Secretaria e Ministério da Educação, alcançando o Curso de Pedagogia e demais cursos de licenciatura e a pesquisa em educação. Tamanha experiência a coloca em uma posição de destaque no contexto acadêmico, atuando, assim como boa parte dos entrevistados, como parecerista de diversos comitês científicos.

J-60, a décima segunda entrevistada, nasceu em São Paulo/SP. cursou o primário no Grupo Escolar Buenos Aires, pertencente à rede pública de ensino, e o ginásial (primeiro ciclo do curso secundário) e o Curso Normal (segundo ciclo do ensino secundário) no Colégio Particular Prudente de Moraes.

Do Curso Normal seguiu para o **Curso de Pedagogia**, feito nos anos de **1961 a 1965**, na PUC-SP, onde realizou boa parte dos estudos de sua formação. Ainda no último ano do Curso de Pedagogia, fez especialização em metodologia de pesquisa em educação. Pouco tempo depois, 1967 e 1968, especializou-se em orientação educacional.

Em 1962, enquanto cursava Pedagogia, atuou como professora primária no Externato Alvorada. Retornou ao campo de atuação após concluir a graduação, dessa vez para trabalhar como formadora de professores, em cursos de Ensino Normal. No período de 1965 a 1967 trabalhou como professora do Curso Normal de várias instituições da Rede Particular de Ensino de São Paulo.

Tão logo concluiu a especialização em orientação educacional, recebeu um convite para exercer essa função no Ginásio Estadual Pluricurricular Experimental (GEPE), localizado na Lapa. Esse ginásio teve uma importância muito grande na trajetória de três dos dezessete pedagogos entrevistados. A condição de escola alternativa, vinculada ao governo do estado, com autonomia para desenvolver um currículo próprio, conferiu ao Ginásio Experimental da Lapa condições especiais, dentre as quais a formação de um seleto grupo de profissionais e o exercício da pesquisa aliado ao ofício de docente e pedagogo. Nele trabalhou nos anos de 1968 e 1969.

Com a expansão do ensino superior, no início da década de 70, e a instalação de diversas faculdades particulares isoladas em São Paulo, foram criados muitos Cursos de Pedagogia, cuja dinâmica organizativa se pautava pelo recente marco legal instituído, o Parecer CFE nº. 252/1969. Esse quadro se constituiu em um emergente campo de atuação para pedagogos com sólida formação e experiência profissional, tal como a entrevistada. Por essa razão, passou a atuar como formadora de pedagogos em várias instituições, inaugurando a nova configuração do curso, baseada essencialmente nas habilitações.

Em 1973, retornou à PUC-SP na condição de docente e estudante. Como docente, atuou no Curso de Pedagogia e como estudante ingressou no programa de mestrado em educação, concluído no ano de 1979. Logo em seguida, entrou para o programa de doutorado, também da PUC-SP, obtendo o título no ano de 1985. Tanto no mestrado quanto no doutorado, a orientação educacional constituiu o mote principal de seu objeto de estudo, fazendo dela uma das principais referências da orientação educacional no Brasil. Em decorrência, a pedagogia tem representado um aspecto privilegiado de sua produção, contribuindo para o debate das questões acerca da sua cientificidade.

Trabalhou na PUC-SP durante 16 anos (1973-1989) e estudou durante 18 anos, construindo uma importante história nessa universidade, ao mesmo tempo que construiu a sua própria história de pedagoga, formadora e pesquisadora sobre a práxis pedagógica.

Da PUC-SP seguiu para a USP, onde tem ocupado posições importantes, dentre as quais: coordenadora do programa de pós-graduação em educação; diretora da faculdade de educação; e pró-reitora de graduação. Na USP se tornou professora titular e alcançou, também, a condição de livre-docente (1993). No decorrer da sua trajetória nessa universidade, teve a oportunidade de realizar uma série de estágios em universidades da França e de Portugal, e de continuar a desenvolver vários projetos de pesquisa. Além da USP, atua como professora colaboradora da UNESP e coordenadora das coleções Magistério e Docência em Formação, da Cortez Editora.

No tocante à produção acadêmica, acumula um número expressivo de publicações. Na década de 80, fez parte de uma geração de pós-graduandos que produziu sobre a educação brasileira e trabalhou para que essas produções chegassem ao contexto dos cursos de formação e do campo de atuação. Por esta razão, participou ativamente da criação da Associação Nacional de Educação (ANDE), chegando à presidência, cujo compromisso principal se voltava para o debate com e sobre a escola e seus profissionais. Nessa direção, essa entrevistada vem ocupando, ao longo de sua trajetória, posições importantes na área, contribuindo de modo decisivo para a produção do conhecimento pedagógico.

O-60, o décimo terceiro entrevistado, é filho de imigrantes italianos. Nascido na cidade de Santo André/SP, cresceu em uma colônia italiana, impregnando-se de sua cultura e dominando sua língua antes mesmo da língua portuguesa. Antecedendo o primário, ingressou, aos quatro anos de idade, em um Jardim de Infância da Escola Sagrado Coração de Jesus, iniciando, nesse espaço, seu processo de socialização escolar.

Do Jardim de Infância seguiu para o único Grupo Escolar existente, nessa época, na cidade, denominado José Augusto de Azevedo Antunes, onde fez o curso primário. No decorrer do 4º ano primário, fez, também, o preparatório para admissão, visando ingresso no curso secundário. O ginásial, primeiro ciclo do secundário, foi cursado em um colégio privado, visto que não existiam mais vagas no ginásio público. No decorrer do curso se entusiasmou pela geologia, o que requereria seu ingresso no curso científico, segundo ciclo do secundário. No início da década de 60, esses cursos ainda não existiam em número suficiente, concentrando-se mais nas capitais. Nessa época, não foi possível para ele transferir-se para São Paulo, o que o levou a optar pelo Curso Normal, escolha decisiva em sua trajetória.

Trabalhar de dia e estudar à noite. Este foi seu movimento durante os três anos do Curso Normal (1961-1963), realizado no mesmo colégio em que fez o ginásio. Concluído o curso, deixou o trabalho na Indústria de Pneumáticos Firestone do Brasil, para atuar como professor substituto do estado, à semelhança de dois outros entrevistados.

Trabalhar e estudar foram dois movimentos constantes em sua vida. Após o Curso Normal, fez um curso de aperfeiçoamento, no ano de 1964, ao mesmo tempo que se iniciava como professor. Começou como professor substituto, porém, três anos depois, ingressou como professor primário efetivo do estado, após aprovação em concurso de seleção.

Nos anos de **1965 a 1968**, fez o **Curso de Pedagogia** na PUC-SP. Em 67, conseguiu seu ingresso como professor primário efetivo do estado, passando a trabalhar em uma escola masculina da zona rural, localizada em Aparecida do Oeste. Nesse período, transitou intensamente pelas três cidades: Santo André,

onde morava, São Paulo, onde estudava, e Aparecida do Oeste, onde trabalhava.

No último ano do Curso de Pedagogia, foi convidado pelo professor Joel Martins para participar do processo de seleção do Ginásio Estadual Pluricurricular Experimental (GEPE), na Lapa, o mesmo em que trabalharam as entrevistadas identificadas pelas letras J e L. Nesse ginásio passou a atuar como professor comissionado do estado, desenvolvendo-se na carreira de docente e pedagogo. Ali foi professor primário, coordenador do curso primário, orientador pedagógico e orientador educacional do ginásio. O GEPE foi determinante na sua trajetória, visto que sua proposta pedagógica solicitava dos profissionais um investimento contínuo na formação. Durante o tempo em que trabalhou nessa instituição, fez uma série de cursos de aperfeiçoamento e especialização com foco na prática pedagógica. Trabalhou no Ginásio Experimental de 1968 a 1978, quando saiu para integrar a equipe do Centro Nacional de Aperfeiçoamento Pessoal para Formação Profissional (CENAFOR).

A partir de 1972 aliou à atividade de pedagogo do GEPE a de supervisor pedagógico da FFCL Nossa Senhora do Patrocínio (FFCLNSP), onde permaneceu até o ano de 1995, exercendo, também, a função de docente na graduação e na pós-graduação. Além dessa faculdade, trabalhou, ainda, na Faculdade de Belas Artes de São Paulo (FBASP), como professor de psicologia educacional do Curso de Pedagogia, no período de 1974 a 1977, e na Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC), no período de 1982 a 1992, também como formador de pedagogos.

A saída do GEPE e a entrada para o CENAFOR representaram um momento muito especial na sua trajetória, visto que no CENAFOR poderia estender para todo o Brasil a experiência elaborada por meio de sua ação no GEPE. Como pedagogo do CENAFOR foi responsável pela coordenação de projetos de formação profissional, a serem desenvolvidos pelas Secretarias Estaduais de Educação. Sua base ficou em São Paulo, mas, por força do ofício, se dirigia a Brasília semanalmente. Na sede do MEC, sua principal interlocutora, durante boa parte desse período, foi a décima primeira entrevistada, que exercia a função de coordenadora da equipe nacional de currículo de ensino de 2º grau. Pela sua atuação no CENAFOR, foi convidado, em 1985, para responder pela

coordenação nacional do ensino médio, no MEC.

A educação brasileira se constituiu como um dos eixos fundantes de sua elaboração teórico-prática. Influenciado pelo pensamento gramsciano, foi um dos responsáveis por fazer adentrar no chão das escolas brasileiras, por meio dos projetos de formação de educadores que desenvolvia, as idéias freireanas de educação, a linha progressista de conceber a pedagogia e a necessidade de politizar o ato pedagógico. Como um dos sócios fundadores da ANDE, assim como a entrevistada anterior, participou ativamente da luta a favor da democratização da escola pública, divulgando as publicações dessa Associação por todos os lugares do Brasil onde passava.

Encerrada sua atuação no MEC, no ano de 1987, decidiu dedicar-se, em 1988, à conclusão do mestrado em educação, iniciado na PUC-SP no ano de 1985. Tão logo concluiu o mestrado, pleiteou, através de concurso, a vaga de professor do departamento de metodologia do ensino e educação comparada da FEUSP, aberta pelo oitavo entrevistado, que saía para dedicar-se exclusivamente à UNESP-Marília. Tentou e conseguiu, fixando-se na USP, desde 1989. Em 1994 fez o doutorado em educação na própria USP, concluído em 1998.

C-50, o décimo quarto entrevistado, é filho de imigrantes sírios, que vieram para o Brasil no final do século XIX. Nasceu, em fins da década de 20, em Cerqueira César, interior do estado de São Paulo, onde fez, a partir dos sete anos de idade, o curso primário no Grupo Escolar. Aos onze anos de idade foi morar com uma irmã em Juiz de Fora, onde fez a Academia do Comércio, pelo período de um ano. De volta à casa, não mais em Cerqueira César, mas na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, fez o exame de admissão e ingressou no curso ginásial.

Em Santa Cruz do Rio Pardo não havia oferta de curso científico ou clássico, apenas a Escola Normal. Na impossibilidade de se transferir, nessa época, para outra cidade, optou por cursar o Normal na mesma escola em que fez o ginásio, definindo, desta forma, sua trajetória de professor.

Desde cedo, conciliou estudo e trabalho. A partir dos 14 anos de idade iniciou-se como professor, dando aula de língua portuguesa em um colégio de padres e em cursos de admissão, preparatórios para o ginásio.

Foi o primeiro colocado na Escola Normal, razão pela qual ganhou a vaga de professor primário efetivo do estado de São Paulo. Nessa condição, decidiu se transferir para a capital, onde ficou comissionado durante os anos de **1952 a 1955**, na FFCL da USP, para fazer o **Curso de Pedagogia**.

Na USP, viveu sob a influência de grandes pensadores, professores e pesquisadores. Foi aluno de Antônio Cândido, Fernando de Azevedo, Laerte Ramos de Carvalho, Roque Spencer Maciel de Barros, dentre outros. Imerso nesse contexto acadêmico, foi se identificando com a história da educação, depois de um namoro rápido com a psicologia.

Durante o 4º ano do curso, prestou concurso para professor secundário da Escola Normal. Esses concursos eram de longa duração, compostos de uma série de etapas. Foi aprovado e quando veio a nomeação já havia concluído o Curso de Pedagogia. Assim, ele se transferiu para a cidade de Paraguaçu Paulista, no interior do estado, onde passou a atuar como professor de história da educação, na Escola Normal ali existente.

Em Paraguaçu Paulista, ficou pouco tempo, um semestre apenas, visto que

recebeu um convite para atuar no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (CRPE/MEC), órgão vinculado ao Ministério da Educação. Nesse Centro de Pesquisa, adquiriu relevante formação profissional, trabalhando diretamente com pesquisas e cursos voltados para a formação dos especialistas em educação.

Nesse período, manteve ligação contínua com a USP, por meio do grupo de pesquisa do professor Laerte Ramos de Carvalho, titular da cadeira de História da Filosofia e Educação. Tratava-se de um grupo que discutia temas de educação brasileira, a área de pesquisa do professor Laerte. Desse grupo participavam, dentre outros, os professores Casemiro dos Reis Filho e Rivadávia Marques Júnior. Foi nessa circunstância que acabou se ocupando com o estudo da educação na Segunda República, recuando posteriormente para a Primeira República, e que resultou, tempos depois, na sua tese de livre-docente, focada na educação e sociedade na Primeira República (1889 a 1930), um trabalho considerado por muitos paradigmático na história da educação brasileira.

No ano de 1959, quando foi criada a FFCL de Araraquara, deixou o CRPE/MEC e seguiu para essa cidade, onde passou a trabalhar como professor do Curso de Pedagogia. Pertenceu à primeira turma de professores contratados, ficando em Araraquara até se aposentar. Essa transferência aconteceu por intermédio de um convite do professor Dante Moreira Leite, seu colega de trabalho no CRPE/MEC e um dos principais introdutores, entre nós, das obras traduzidas da psicologia educacional.

Sua trajetória na FFCL-Araquara foi bastante expressiva. Iniciou como professor de pedagogia geral, experiência que o ajudou a conceber um esquema teórico de análise em três níveis articulados, que o acompanhou em boa parte das suas produções: o nível da sociedade, o do sistema escolar e o técnico-pedagógico. Além da docência se ocupava com seu estudo de tese, focado na história da educação brasileira na Primeira República. A tese elaborada com vista ao doutoramento acabou sendo de livre-docência, por sugestão de seu colega, professor Dante Moreira Leite. Sob a orientação do professor Laerte Ramos de Carvalho, concluiu esse trabalho, no ano de 1966, que lhe possibilitou ascender da condição de graduado para a de livre-docente, o que era permitido na época.

Em Araraquara, construiu sua carreira. Fez concurso para professor-adjunto e se tornou professor titular, pela Constituição de 1988. Exerceu quase todos os cargos: professor, chefe de departamento, diretor até chegar a reitor da universidade. Sua atuação foi decisiva para a criação da UNESP. Essa importante universidade estadual de São Paulo foi organizada a partir da reunião de vários institutos isolados, distribuídos em diversos locais do interior do estado. A luta em prol da UNESP foi travada sob a perspectiva da democratização do ensino superior no estado, buscando favorecer outras opções além da USP.

No decorrer da sua trajetória produziu vários textos, publicou vários artigos e escreveu bastante para jornais e revistas, em especial para o jornal da UNESP. Foi membro do Conselho Superior da FAPESP e do CEE/SP, chegando, inclusive, à presidência. O final de sua carreira ficou marcado de modo especial pela atuação como reitor da universidade. No término do mandato, pediu aposentadoria, visto registrar, só na UNESP, 37 anos de trabalho ininterrupto.

P-60, a décima quinta entrevistada, nasceu no Rio de Janeiro/RJ, tendo vivido boa parte da infância e adolescência no Méier, área suburbana da cidade. Seus pais tinham pouca instrução escolar, porém muito conhecimento, educação e cultura, decorrentes, sobretudo, do apego à leitura, que tanto cultivavam. Ela aproveitou essa ambiência e encontrou nos processos formativos de alfabetização e leitura o eixo deflagrador de seu trabalho.

Sua escolarização se deu no contexto de boas escolas públicas. Frequentou um Jardim de Infância, no bairro de Vila Isabel e o curso primário em uma escola pública localizada em Engenho de Dentro. Foi aluna da professora Adália Lima Torres, integrante da primeira turma formada pelo Curso Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), por meio de quem vivenciou uma educação escolar inovadora, pautada pelo ideário da escola nova.

Assim como a sétima entrevistada, fez o curso secundário no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ). Terminado o curso primário, fez o curso de admissão e prestou concurso para o IERJ, alcançando aprovação. Ingressou no IERJ no ano de 1948 para cursar o ginásio e a Escola Normal. Saiu em 1955 como professora primária, com acesso direto ao sistema estadual de ensino. Sua fase de aluna nessa instituição recebeu três grandes marcas: aluna de uma escola pública de elite; aluna de uma escola pública sob a égide da tendência educacional escolanovista; e aluna no tempo áureo dos anos dourados.

Concluído o Curso Normal, assumiu sua vaga de professora primária efetiva do estado e iniciou sua trajetória de professora na Escola Estadual Almirante Saldanha da Gama, localizada em Campo Grande. Posteriormente, foi remanejada para a Escola Estadual Coronel Corsino do Amarante, em Realengo. Com o tempo, deixou o subúrbio e passou a atuar em escolas da zona sul.

A experiência de professora propiciou a oportunidade de atuar, também, como coordenadora pedagógica do ensino primário na Escola Estadual José Linhares. Essa atuação lhe possibilitou o desenvolvimento de processos coletivos de estudo entre os professores, fazendo crescer de forma autêntica o seu interesse pela formação docente, tangenciada pelas questões referente à alfabetização e leitura.

Em 1956 iniciou o Curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Guanabara (UEG), hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Porém, optou por interromper o curso para se dedicar à chegada dos filhos. O reencontro com o Curso de Pedagogia ocorreu quase dez anos depois. De **1965 a 1969**, fez o **Curso de Pedagogia**, não mais na UERJ, mas na UFRj.

Concluído o curso, recebeu um convite da diretora da Faculdade de Educação da UFRj, recém-organizada em decorrência da Reforma Universitária de 68, para atuar como professora do Curso de Pedagogia. Os três melhores alunos foram agraciados com essa possibilidade. Todavia, não pôde aceitar, visto que se preparava para morar, pelo período de dois anos, nos Estados Unidos. Durante os anos de 1970 e 1971, quando residiu nos EUA, aproveitou para fazer um curso de especialização (Fundamentals of School Administration), na New York University.

De volta ao Brasil, em 71, pediu exoneração do cargo de professora do estado, após 15 anos de exercício profissional, e iniciou outra trajetória, a de formadora de pedagogos, como professora da Faculdade de Educação da UFRj, na condição de professora auxiliar. Em 1977, após concurso, ascendeu à condição de professora assistente, chegando a adjunta. No decorrer de 30 anos trabalhou nessa universidade, atuando na graduação e na pós-graduação.

Durante o seu trajeto (1972 a 2002) nessa instituição, a marca de ter passado pelo magistério primário predeterminou seu foco investigativo, firmando a alfabetização como um campo privilegiado de pesquisa. Nessa direção, se situa, hoje, entre os principais pesquisadores dessa temática em nosso país, reunindo uma gama de produções e publicações a esse respeito. No contexto da UFRj, contribuiu para aproximar a universidade da escola básica, introduzindo na pós-graduação uma disciplina com foco nos problemas de alfabetização e um curso de extensão para alfabetizadores.

No período de 1975 a 1977, realizou, na UFRj, o seu mestrado em educação. Anos depois, em 1983, seguiu para a Bélgica, para fazer o doutorado em ciências da educação, na Universite de l'Etat a Liege, concluído em 1987.

Aposentada pela UFRj, continua atuando como formadora e pesquisadora

na Universidade Católica de Petrópolis (UCP), onde exerce a função de coordenadora adjunta do programa de mestrado em educação.

A-30, a décima sexta entrevistada, nasceu no Rio de Janeiro/RJ, no início da década de 20, mudando-se aos doze anos de idade para a cidade de São Paulo.

No Rio, fez o curso primário no Colégio Jacobina, nos anos de 1928 a 1931. Em São Paulo, fez o curso ginásial no Instituto de Educação (IESP), no período de 1932 a 1936. Findo o curso ginásial, ingressou direto na FFCL da USP para **cursar História e Geografia**, nos anos de **1937 a 1940**, sendo integrante da quarta turma dessa faculdade. Aos dezessete anos adentrou o contexto universitário sem que houvesse feito o curso complementar ao ginásial, preparatório para o ensino superior, conforme previsto na Reforma Francisco Campos, de 1931.

Sua opção profissional era ser professora. Proveniente de uma família de profissionais liberais bem-sucedidos, a trajetória possível para uma mulher, de sua época, que desejasse ingressar no mercado de trabalho era o magistério. Entretanto, no seu caso, mais do que o determinismo social, pesava o forte apego pelo ofício docente. Concluído o ginásio, a opção recorrente era a Escola Normal. Mas, por que fazê-la, se mais do que professora primária, poderia se tornar professora secundária fazendo um curso de licenciatura na FFCL? A história e a geografia representavam seu campo de interesse, pelas influências que recebeu de uma de suas professoras. Nesse sentido, não teve dúvidas de que cursaria o bacharelado e a licenciatura nessas áreas.

Fez o curso no modelo 3+1 (3 anos de bacharelado e 1 ano de didática). O curso de didática, em 1940, lhe causou um grande encantamento, visto que nele se identificou com todas as cadeiras pedagógicas, apropriando-se, por meio delas, dos referenciais teórico-práticos para se construir professora. Seu desenvolvimento no curso foi de tal modo significativo, que foi convidada para ser a nova assistente do chefe da cátedra de didática, professor Onofre de Arruda Penteadó Júnior, uma vez que o assistente anterior havia sido convocado para a guerra. Desta forma, em 1941, iniciou sua trajetória de formadora de professores na FFCL da USP.

O desejo de ser professora de história e geografia nos cursos ginásiais foi aos poucos dando lugar ao desejo de ser professora de didática nos cursos de

licenciatura. Conciliou os dois interesses trabalhando com didática específica desses campos disciplinares e experimentando a ação docente no curso secundário, durante o último ano da faculdade, quando trabalhou em um ginásio particular.

Como assistente do professor Onofre, integrou seu grupo de estudo, cujo principal foco era a didática, tendo a oportunidade de participar ativamente da problematização e elaboração dos eixos fundantes da cadeira de didática geral e especial.

Por volta de 1945 resolveu fazer o Curso de Filosofia e Psicologia, na USP. Nesse mesmo período, iniciou, na USP, doutorado em educação, concluído em 1950. Em 1963, obteve o título de livre-docente da cadeira de metodologia geral do ensino. Em 1973, após concurso, passou a exercer a função de professora adjunta do departamento de metodologia geral do ensino da FEUSP, onde desempenhou a função de chefe de departamento durante algum tempo.

Foi uma das primeiras pessoas, em nosso país, a estudar a teoria psicogenética de Jean Piaget na FFCL da USP. A partir da década de 50, seu trabalho docente e suas pesquisas pautaram-se em pressupostos do construtivismo piagetiano.

No meado da década de 50, participou ativamente do processo de organização do Colégio de Aplicação da FFCL da USP, cuja instalação se efetivou no ano de 1957.

Na USP, estudou e trabalhou, consolidando uma carreira de ensino e pesquisa na pós-graduação. Na USP, se firmou como uma das principais referências históricas da didática no Brasil e protagonizou as principais mudanças no Instituto de Educação e na FFCL, que desencadearam a instalação do Curso de Pedagogia, meu principal interesse.

Ao aposentar-se na USP, por volta de 1975, passou a trabalhar na UNICAMP, onde encerrou sua carreira de docente e pesquisadora, embora ainda integre a diretoria da Academia Paulista de Educação. Seu percurso, também, inclui o CEE/SP, do qual foi membro em fins da década de 60.

O Curso de Pedagogia, enquanto graduação, não se encontra na sua trajetória, representando, portanto, um desvio na composição da amostra desta pesquisa. Todavia, o seu percurso a colocou na condição de quem viveu, de fato, os primórdios da Pedagogia no Brasil, uma vez que integrava o corpo docente da FFCL da USP, quando o curso se colocou ali. Por esta razão, entendi que seu depoimento não poderia deixar de compor o quadro pretendido com este estudo.

I-60, a décima sétima e última entrevistada, é descendente de imigrantes libaneses, tendo nascido na cidade de Marília, interior de São Paulo. Em um colégio de freiras cursou o primário e o secundário. No primeiro ciclo do curso secundário fez o ginásial e no segundo ciclo do curso secundário, a Escola Normal.

Tão logo concluiu a Escola Normal, fez o **Curso de Pedagogia**, na FFCL de Marília, no período de **1961 a 1964**, sendo aluna da terceira turma desse curso naquela faculdade.

Como estudante de pedagogia se envolveu avidamente com a cultura da universidade, participando, dentre outras atividades, do diretório acadêmico estudantil, das atividades estudantis vinculadas ao movimento de ação católica, da monitoria da cadeira de administração escolar, de projetos de pesquisa, da instalação da Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH), além de participar de reuniões da recém-criada Associação Nacional de Profissionais da Administração Escolar (ANPAE).

Antes mesmo de concluir o Curso de Pedagogia, foi convidada para ser professora instrutora da cadeira de administração escolar, iniciando desta forma sua trajetória de professora formadora de pedagogos.

Como aluna, destacou-se no âmbito acadêmico a ponto de ser incentivada pelo professor José Querino Ribeiro a dar continuidade à sua formação, por meio de um curso de pós-graduação na USP. Desta forma, tão logo concluiu o Curso de Pedagogia (1961-1964), fez dois anos de pós-graduação (1965-1966), ainda no regime antigo, para em seguida fazer o mestrado (1967-1968), o que lhe outorgou a condição de segunda mestra formada pela Faculdade de Educação da USP. Pouco tempo depois (1970), iniciou, também na USP, o doutorado, concluído na FFCL de Marília (1973). A pesquisa sobre a história da Escola Normal tornou-se o foco principal de suas investigações no mestrado e no doutorado, tornando-se uma referência sobre o estudo dessa temática em nosso país. Do doutorado seguiu para um programa de pós-doutoramento na University of Reading, na Inglaterra, no período de 1975 a 1976. Durante o doutorado e após o pós-doutorado, fez vários cursos e estágios de curta duração na Inglaterra, na Itália, na França, em

Portugal e nos Estados Unidos.

Como se vê, a sua formação encadeou um curso no outro, o que se deu concomitante à sua atuação como professora. Fez o Curso Normal, habilitando-se como professora primária, porém não exerceu esse ofício. Sua larga trajetória de docente iniciou como instrutora no Curso de Pedagogia e como professora de matemática de um ginásio estadual, o que se deu durante três anos. Atuou, também, como professora de educação comparada de dois cursos de especialização de administradores escolares, um vinculado ao Instituto de Educação de sua cidade e outro à FFCL da Universidade Sagrado Coração de Jesus, em Bauru/SP.

Apesar de exercer a docência em outras instituições de formação de professores e profissionais da educação de um modo geral, foi no âmbito da FFCL de Marília, onde estudou e iniciou a sua carreira, que se consolidou como professora e pesquisadora, atuando tanto na graduação como na pós-graduação. No contexto dessa faculdade percorreu um longo caminho, testemunhando mudanças importantes como a sua transformação em Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP), juntamente com os demais institutos superiores isolados do estado de São Paulo. Atualmente, exerce a importante função de assessora acadêmica da Pró-Reitoria de Graduação dessa universidade.

Além das atividades de docente e pesquisadora da UNESP, exerceu várias funções ligadas à gestão, tendo ocupado, dentre outras, as posições de chefe de departamento, coordenadora do Curso de Pedagogia e vice-coordenadora de Curso de Pós-Graduação em Educação. No âmbito da Sociedade Brasileira de Educação Comparada (SBEC), foi eleita para alguns cargos, dentre eles o de segunda vice-presidente geral, no período de 1987 a 1990.

Ao longo de sua trajetória tem integrado diversos comitês científicos e publicado um conjunto significativo de trabalhos resultantes de suas pesquisas. Trata-se de uma professora e pesquisadora muito atuante e conhecida na área, sobretudo no tocante ao domínio da história da educação brasileira.

9.3. Roteiro semi-estruturado da entrevista

Eixo 1 – Trajetória de formação e de atuação

1. Poderia me falar sobre suas origens, familiares e culturais?
2. Como foi o seu processo de socialização escolar: cursos que fez desde o primário?
3. Como foi o seu processo de socialização e desenvolvimento profissional: áreas e instituições de atuação?

Eixo 2 – Trajetória de estudante do Curso de Pedagogia

4. Em (período de acordo com o entrevistado) o(a) senhor(a) cursou Pedagogia na (nome da instituição). Por que Pedagogia? Quando e sob que circunstâncias decidiu ser pedagogo(a)?
5. Como foi a formação recebida nesse curso (disciplinas/valores/*habitus* professorais...)?
6. O curso mudou, ampliou, aperfeiçoou sua visão sobre a vida, o conhecimento, a educação, o mundo...?
7. Quais aspectos podem ser apontados como as principais características do Curso de Pedagogia que fez?

Eixo 3 – Trajetória de pedagogo, de formador e de pesquisador

8. Poderia me dizer algo sobre sua trajetória de pedagogo(a)?
9. Que fatores podem ser apontados como determinantes para sua permanência na área?
10. O(a) senhor(a) é um professor(a) / pedagogo(a) / pesquisador(a) conhecido(a). Como se deu sua inserção no meio intelectual / acadêmico?
11. Quais foram as suas motivações para atuar como formador(a) de pedagogos?
12. Que diferenças podem ser apontadas entre o curso que fez como graduando e o curso que atuou e/ou atua como formador?

Eixo 4 – Posições sobre a pedagogia e sua abrangência

13. O que entende por pedagogia? Como relaciona pedagogia e educação?
14. O que pensa sobre o domínio de conhecimento da pedagogia?
15. Considerando a velha e sempre renovada questão da relação/oposição entre ciência e ciências da educação, em sua opinião, que tipo de contribuição dos diferentes campos do conhecimento pode ser útil ao ofício de pedagogo? E mais: à própria consolidação do que vem a ser pedagogia?
16. Qual é a sua percepção da pedagogia enquanto área de conhecimento, formação e atuação profissional?
17. A pedagogia deve formar fundamentalmente para a docência?
18. Para terminar, gostaria de ouvi-lo(a) sobre a evolução do Curso de Pedagogia no Brasil. Estaria ocorrendo uma renovação com as diretrizes curriculares recém-homologadas?

9.4. Transcrição da última entrevista realizada

Entrevistada: Professora Leonor Maria Tanuri

Entrevistadora: Giseli Barreto da Cruz

Data: 5/9/2007

Horário: 10:10 – 12:20

Local: Hotel Majestic - Águas de Lindóia /SP

Duração: 2h aprox.

Total de fitas: 2

Duração da fita 1: 60'

Duração da fita 2: 50'

Transcrição: Ciléia Fiorati do Amaral

Revisão: Giseli Barreto da Cruz

Obs.: Versão revisada pela entrevistada e divulgada com a sua autorização.

A ENTREVISTA

FITA 1: LADO A

Giseli – *Estamos em Águas de Lindóia, por ocasião do Congresso Estadual Paulista de Formação de Professores, da UNESP. Aproveito a oportunidade para entrevistar a professora Leonor Maria Tanuri acerca da sua visão sobre o Curso de Pedagogia no Brasil. Para começar, poderia me falar sobre suas origens, familiares e culturais?*

Leonor – Bom, Giseli, estou vendo que você está usando uma metodologia quase que de história de vida, mas ainda assim eu vou procurar sintetizar a fala, tendo em vista o nosso foco. Eu sou filha de uma família de libaneses, que almejava para os seus filhos, como imigrantes, uma educação semelhante à das classes médias brasileiras. Então, eu fui para um colégio de freiras, onde só tinha Curso Normal. Por uma visão meio tradicionalista eu fui fazer o Curso Normal. Saindo do Curso Normal, tinha sido criada há poucos anos uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em Marília, instituição isolada do governo do estado, onde tinha o Curso de Pedagogia. Nessa Faculdade tinha Pedagogia, História e Letras. daquelas opções a que parecia continuidade do Curso Normal era a de Pedagogia e eu fui para lá. Eu fui da terceira turma desse curso, entrei em 1961. O curso tinha começado em 1959 e pelas vicissitudes de um curso no seu início, ele era bem simples e com um número muito pequeno de professores. Mas, por outro lado, tinha a vantagem de um contato muito próximo com esses professores. Essa faculdade seguia o modelo da USP. Os institutos isolados seguiram o modelo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e quando entrei o curso ainda estava estruturado pelo padrão da legislação do Estado Novo, que era o de organizar o curso em conformidade com o modelo ditado pela Faculdade Nacional de Filosofia. E assim era o nosso curso, com aquele modelão de três anos de um curso de formação, centrado nas bases teóricas da educação - que você conhece bem e por isso não vou me alongar - e o ano final, mais voltado para a didática e prática de ensino. Quando eu saí do curso, em 64, tinham mudado a organização para o modelo ditado pela resolução do Conselho Federal de Educação, que tinha saído em decorrência do Parecer de 62. Então, alguma

alteração ocorreu nesse momento, mas pouca coisa, não houve grande mudança.

Giseli – *Como foi o seu processo de socialização escolar, considerando as possibilidades de estudo existentes em sua cidade?*

Leonor – A cidade até tinha oportunidade de curso clássico e científico. Mas naquele momento, eu falo agora mais do estado de São Paulo, a grande maioria dos alunos do segundo ciclo do então ensino médio optava pelo Curso Normal. Eu fui para o Normal, e, como eu disse, era mais uma questão de uma opção que se fazia por tradição. As mulheres iam para o Normal, até porque o colégio que eu estudava só tinha a modalidade Normal, não tinha curso científico. Eu teria que mudar para a escola pública e meu pai tinha sonhado a vida inteira que era naquele colégio de meninas que eu ia estudar. Falo da cidade de Marília, no interior do estado de São Paulo. Não me lembro quantos habitantes tinha a cidade naquela época. Hoje é uma cidade de mais de 200 mil habitantes, uma cidade universitária com muitas faculdades. O instituto isolado tinha se instalado lá em 1959, dentro daquele processo de interiorização do ensino. Não que eu quisesse fazer o Curso Normal. Eu me lembro que eu até não queria, eu cobiçava bem a opção científica, Faculdade de Medicina, mas não tinha chance porque naquele momento ainda não era tão comum as mulheres saírem de casa para estudar, embora muitas já o fizessem. Mas não para uma família de filhos de libaneses, conservadora... Para nós não era comum, para outros já era possível.

Giseli – *Então, do Curso Normal para o de Pedagogia, um caminho natural?*

Leonor – Aí eu não questioneei, porque as opções eram História, Letras ou Pedagogia. Foi com essas três seções que a faculdade foi criada. Como o Curso Normal parecia ter continuidade melhor no de Pedagogia, eu fui para o de Pedagogia. Na faculdade as perspectivas se abriram, porque era um instituto isolado do governo do estado, quer dizer, a própria cidade se modificou em decorrência da chegada da faculdade lá. Os professores que lá chegaram mudaram o ambiente da cidade. Logo depois foi criado o Curso de Ciências Sociais na faculdade e depois o de Ciências. A faculdade foi se abrindo. Aquele era um momento de ebulição do movimento estudantil, eu fui para a diretoria de um

diretório acadêmico e me tornei vice-presidente do diretório. Por ocasião do movimento de 64, eu estava no 4º ano e era vice-presidente do diretório acadêmico. Fui do movimento de Ação Católica, a JUC, e isso me deu outras vivências. Então, a participação em congressos estudantis, em congressos da JUC, abriu novas perspectivas.

Eu estudei na Faculdade de Marília no momento em que ela tinha bons professores, eram os primeiros, eram pessoas ainda jovens. A Pedagogia foi um curso que teve professores de diversas procedências. Tínhamos um professor que tinha vindo de Curitiba; uma professora de psicologia que tinha estudado nos Estados Unidos; tínhamos professores da PUC e da USP. A Pedagogia era até um pouco mais eclética do ponto de vista da origem dos professores. Mas, muito cedo, eu convivi com nomes de pessoas muito importantes, como Nelly Novaes Coelho (de Literatura), Décio Pignatari (de Letras), Ataliba de Castilho (Língua Portuguesa), José Roberto do Amaral Lapa (História)... Eu participei da criação da ANPUH. Explicando melhor, assisti, como aluna, à criação da Associação Nacional de Professores Universitários de História... Ela foi criada num primeiro encontro de professores universitários de História, em Marília, se não me engano em 1961. Nós viajávamos, por exemplo, para participar das reuniões de uma associação recém-criada: a ANPAE, Associação Nacional de Profissionais de Administração da Educação, que surgiu inicialmente com o nome de Associação Nacional de Professores de Administração Escolar. Eu me lembro que fui para Porto Alegre numa reunião que aconteceu por volta de 1963... Eu só estou falando isso para mostrar que nós tínhamos uma boa vivência universitária, apesar de a faculdade estar nos seus primórdios. Minha turma só tinha sete alunos, porque havia o exame de seleção e o vestibular não era classificatório, ele era seletivo nessa época.

Tive a sorte de ter como diretor o professor José Querino Ribeiro, que em São Paulo é uma referência. Ele foi o catedrático de administração escolar da Universidade de São Paulo e ele, praticamente, foi um mestre para mim. Antes mesmo de eu me formar, dois meses antes, eles decidiram que eu ia ser Instrutora, que era uma espécie de professora auxiliar de ensino hoje. Instrutora da cadeira de administração escolar. Eu fui para a cadeira de administração escolar como

instrutora e o Querino logo depois falou: “Olha, você tem que fazer pós-graduação!” e me deu um bilhete para os assistentes dele em São Paulo e me mandou para a USP. Aí, lá chegando, era a pós-graduação no regime antigo, a qual já funcionava na Faculdade de Educação. Não se chamava Faculdade de Educação ainda, chamava-se Seção de Pedagogia. Aí eu fui para a Seção de Pedagogia e comecei a fazer uma pós-graduação, mesmo no regime antigo.

Giseli – *Concluído o Curso Normal, ingressou direto no Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Marília. Antes mesmo de concluir o Curso de Pedagogia, foi convidada para atuar como professora desse curso. Em prosseguimento, seguiu para a USP, onde deu continuidade à sua formação. Chegou a atuar como professora primária?*

Leonor – Não, nunca. Nem tinha qualquer desejo de fazer isso.

Giseli – *Alcançou a “cadeira prêmio”?*

Leonor – Não, mesmo porque eu estudei numa escola particular, a “cadeira-prêmio” era só nas escolas oficiais.

Giseli – *Antes de focalizar a fase da pós-graduação, que diferenciais podem ser apontados entre o Curso Normal e o Curso de Pedagogia cursados?*

Leonor – O Curso de Pedagogia, evidentemente, era centrado em matérias muito mais teóricas do que o Curso Normal. O Curso Normal foi muito mais de natureza prática. Eu reputo que fiz uma boa escolarização de nível médio, seja no ginásio, seja no Normal. Eu acho que fiz uma boa escolarização. Por exemplo, eu aprendi razoavelmente bem o francês. Depois eu vim a entrar, posteriormente, numa Aliança Francesa, mas já no ginásio eu consegui aprender o francês básico. Eu lembro que sabia um pouco porque o meu professor era francês, ele entrava falando francês e saía falando francês. O inglês não foi tão bom, era uma questão até porque o professor não era tão bom, mas ainda assim aprendi um pouco... Eu cheguei a ter certo domínio da língua francesa ali. E português, eu acho que aprendi português bem. Não tão bem quanto aprendi posteriormente com os

amigos do dia-a-dia, vamos dizer da área de Letras da UNESP, para quem eu perguntava, pedia para fazer correção de trabalho. Aquilo foi uma escola e se eu escrevo corretamente hoje, eu acho que aprendi ali. Hoje, a gente sabe que é muito deficiente o ensino do português. Então, eu reputo que fiz um bom ensino médio. O ensino Normal tinha um viés mais prático, mas assim mesmo não tinha muito estágio. Era pouco o estágio de prática de ensino, uma ou outra aula que a gente dava. Eu lembro que o Ensino Normal foi muito fraco na prática de ensino. Por exemplo, prática de alfabetização eu não aprendi. Hoje eu penso isso. Mesma coisa com o ensino da aritmética, eu não aprendi como é que se ensina aritmética na escola primária. Era um ensino meio formalista, como é que se faz um diário de classe, como é que se faz um plano de aula... Mas a parte metodológica... Eu estudei história do Ensino Normal, você sabe disso. Essa parte metodológica de que tanto se fala, da prática de ensino, eu não consigo ver nos antigos Cursos Normais, nem naqueles que eu simplesmente tomei como objeto de estudo. É mais assim, meio formalista, meio cartorial. Recentemente fiz parte de uma banca que estudou os Cursos Normais lá em Ribeirão Preto. A doutoranda até apresentou o trabalho aqui neste Congresso (IX CEPFE) e eu perguntei a ela por que ela não foi lá nos diários de classe para ver a programação da prática de ensino. Quer dizer, fala-se tanto desses programas e, principalmente, sobre quando os programas deixaram de ser obrigatórios, como é que esses professores faziam? Então deixaram de ser obrigatórios, mas realmente eles repetiam o que viam, as orientações que viam e era muito pouco de metodologia mesmo. Então, mesmo meu Curso Normal, embora um curso com um viés prático, não chegou a ter, por exemplo, uma ênfase na prática de ensino. Era uma coisa mais formal, como é que se faz uma caderneta escolar, como é que prepara uma aula, meio formalista.

Já na faculdade, o vínculo com a escola primária desapareceu de vez. O meu Curso de Pedagogia não teve qualquer vínculo com a escola básica, com a escola primária, por mais que a gente fizesse algumas atividades que envolvessem as escolas da cidade. Os professores que estavam ali desconheciam totalmente a realidade do ensino primário. Eles não vinham da escola primária, eles não tinham a menor idéia do que ela era... Só a professora de didática tinha, de fato, alguma noção sobre o ensino primário, mas ela ficava mais em outros conteúdos, o que

era a Escola Nova, o que era a Escola Tradicional. A de psicologia deu bem psicologia do desenvolvimento, enfatizou as teorias de aprendizagem na psicologia, obrigava a leitura de literatura em língua inglesa, na qual nós tínhamos dificuldades, e alguma coisa em língua espanhola. Em história da educação, eu tive que ler os clássicos, que não estavam traduzidos para o português. Tive que ler, em francês, a *Ilíada*, a *Odisséia*, alguma coisa de Platão e Aristóteles, a *Paidéia*. A filosofia só chegou até a idade moderna, não atingindo a idade contemporânea... A parte da história da educação institucional propriamente dita, o surgimento dos sistemas nacionais de ensino, da educação estatal, quase não foi contemplada. Dali para cá, praticamente, foi a história dos grandes pensadores só e com leituras em francês, alguma coisa em espanhol. Era um curso teórico mesmo. Naquilo que se chamou tradicionalmente de Ciências da Educação. Quanto à parte de biologia, por exemplo, nós vimos uma parte de genética, eu até colaborei em pesquisas na área de genética, como auxiliar de pesquisas. Vimos, em língua inglesa, alguma coisa de genética, a parte de higiene foi muito pequena. Estudei dois anos de complemento de matemática e um de estatística, não havia muita aplicação, era mais a ciência pura. Quanto à didática, nós estudamos um livro, digamos, o livro básico era *Uma didática fundada na Psicologia de Jean Piaget*. A administração escolar foi dada de um ponto de vista histórico, a professora tinha esse viés histórico, não da administração, ela estudava educação brasileira, talvez isso explique a minha trajetória posterior, pois acabei me dirigindo para a área de história da educação. O Curso de Pedagogia desvinculou-se do ensino básico e o que era a educação propriamente dita ficou meio obscura porque não tinha Pedagogia.

Giseli – *Então, a Pedagogia não era estudada no Curso de Pedagogia?*

Leonor – Não era estudada na Pedagogia...

Giseli – *De acordo com a sua fala, o Curso de Pedagogia que fez foi um curso “pesado”, não foi um curso simples, no sentido de exigir pouco dos alunos. Havia uma demanda razoavelmente grande de leituras, baseadas em bibliografia importada, exigindo dedicação aos estudos...*

Leonor – Estudava e ficava o dia inteiro na faculdade.

Giseli – *Pois é, mas, ainda assim, parece que o foco não estava ajustado para aquilo que diz respeito à Pedagogia...*

Leonor – Era fundado naquilo que tradicionalmente se chamou de Ciências e Fundamentos da Educação. Era a biologia educacional, a psicologia educacional, a sociologia geral e pouca coisa da educação, a história da filosofia, a didática.

Giseli – *O Curso de Pedagogia que fez, de 61 a 64, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, de Marília, se deu em um período de reformulações curriculares (Parecer CNE 292/62). Quer dizer, no final de 62, saiu um Parecer que tentou dar uma mexida no currículo e só em 69 é que as habilitações foram introduzidas. Então, ainda permaneceu, nesse período, a tendência de formar o professor para o ensino secundário, para atuar, sobretudo, na Escola Normal e o possível técnico de educação. Como foi a formação recebida para o exercício dessas funções?*

Leonor – Só que, veja bem, do ponto de vista da formação do professor para o Ensino Normal, nós saíamos muito mal preparadas, porque a gente não tinha preparo para dar aula de prática de ensino. Por quê? Porque os nossos professores não davam prática de ensino da alfabetização, das matérias objeto de ensino no curso primário. Nós fomos muito mal preparadas nesse aspecto. Então sobravam psicologia e história da educação. Eu me lembro que dei aula num cursinho, enquanto estudante, de lógica, porque eu fiz exame de lógica para entrar, depois eu gostei e dava aula de lógica, mas nós não éramos preparados para dar aula no Ensino Normal, mas éramos habilitados legalmente para isso.

Giseli – *Então, se a prática não tinha muito lugar no Curso Normal, no Curso de Pedagogia nem se fala...*

Leonor – De fato, aí não havia nenhuma prática. Eu me lembro de ter feito estágio de prática de ensino, dessas matérias (sociologia, psicologia, história da educação) num Curso Normal da cidade. Mas era mais estágio de observação e

alguma participação, estágio de regência de classe não havia.

Giseli – *E saiu também com a possibilidade de ser professora de matemática, história e filosofia?*

Leonor – Saí e foi isso que eu fui fazer. Então, como a Portaria 399 do MEC dava direito de você dar aula ou de história, ou de filosofia ou de matemática, eu fui logo para a matemática porque eu tinha estudado dois anos de complementos de matemática e essa era uma matéria que eu sabia. Eu sabia matemática, talvez mais do que as disciplinas que eu tinha aprendido. Dei aula de matemática durante três anos no ginásio.

Giseli – *Nesta linha de pensamento, pode-se afirmar que a Pedagogia de alguma forma mudou, ampliou, aperfeiçoou sua visão sobre a vida, o conhecimento, a educação, o mundo...?*

Leonor – Na verdade, um depoimento é o olhar de hoje sobre um tempo passado. Com o meu olhar de hoje sobre esse tempo, eu posso afirmar, vamos dizer assim, que mudou muito o meu modo de pensar, minha visão de mundo, por ter feito uma faculdade, eu não sei se por ter feito exatamente a Pedagogia. Não que eu não tivesse entendido, durante aqueles quatro anos, quais as reais contribuições daqueles conteúdos para uma Pedagogia, para o meu caminhar nessa área de ciências da educação... O que eu adquiri ali foi pouco. Até porque os professores também eram iniciantes. Eles próprios não tinham o doutoramento, eles fizeram ali, naquela faculdade, o seu doutorado. Alguns, muito próximos de nós, como a minha própria chefe (professora titular), que depois eu ajudei como auxiliar na elaboração do trabalho dela. Mas eu acho assim, que aquele caminhar, o convívio com os professores universitários que viajavam bastante, que traziam uma outra visão de mundo, com pessoas preocupadas com toda uma ambiência cultural, já em outro nível, abre para a gente, descortina uma série de coisas. Você começa a verificar que a vida não era em Marília só, o mundo tinha fronteiras muito amplas. Mas eu diria que, ainda assim, eu saí imatura da faculdade. Embora eu tivesse saído já professora da universidade.

Giseli – *Como foi o processo de sair da condição de estudante para a de professora do curso?*

Leonor – Foi assim, eles abriram inscrição para monitor e eu fui convidada para ser monitora do que se chamava cadeira de administração escolar... (Eu estou usando a terminologia da época). E aí, como monitora da cadeira, eu colaborei com a titular... Ela era titular não por tese ou título, pois ela não tinha nem o doutorado. Os primeiros professores dos Institutos Superiores Isolados foram contratados como titular e logo passaram a ganhar como os professores da USP, pois fizeram um movimento reivindicatório nesse sentido. Então eu fui monitora dela durante um ano e fui auxiliar de pesquisa. Ela trabalhava com pesquisa histórica em legislação da educação brasileira. Chamava-se Josephina Chaia. Publicou livros sobre legislação do ensino e ganhou um prêmio da ANPAE com um trabalho sobre financiamento escolar no Segundo Império. Na época, eu colaborei com tudo isso. Então, no final, ela me convidou para ser instrutora da cadeira dela, o que significava que eu ia passar para o status de professora. Como ela queria encaminhar os papéis para contratação, anteciparam minha colação de grau. O curso não era definido por carga horária naquele tempo, era por número de anos. Era um Curso de Pedagogia de quatro anos e a sua duração não era fixada em carga horária, então, antes de acabar o curso, ela já me considerou aprovada. Minha colação de grau foi antecipada, coleí grau na secretaria da escola, e minha proposta de contratação foi encaminhada para a aprovação da Congregação da Faculdade. A nomeação saiu, se não me engano, em maio de 65, com exame médico e tudo. A faculdade, naquele tempo, era um instituto isolado e ela era vinculada à Secretaria de Educação do estado. Então havia, vamos dizer assim, muita burocracia para a nomeação. Quando saiu a nomeação já era maio, aí eu comecei a dar aula. Eu não tinha experiência nenhuma em dar aula. Nenhuma! Não tinha a menor condição de dar aula e mais, a titular me pôs logo para dar aula de educação comparada, que era uma disciplina que eu nem tinha feito no curso. Por que eu não tinha feito? Porque eles tinham mudado o currículo justo naquele final de curso no qual eu devia ter educação comparada. Eu não fiz porque havia mudado o currículo. Ela se tornou uma disciplina optativa e, nessa condição, não foi oferecida. Então eu comecei a dar aula assim. Ministrava aulas na faculdade em tempo parcial, contratada só por dezoito horas, e dava aulas de matemática no

ginásio de uma cidadezinha próxima. Era num ginásio do estado, como eles chamavam na época. Então, durante três anos eu trabalhei como instrutora em regime de tempo parcial na faculdade e como professora de matemática em um ginásio público da cidade.

Giseli – *Enquanto fez o Curso de Pedagogia, dedicou-se exclusivamente a ele?*

Leonor – Isso e fui monitora.

Em 66 ou 67, eu fui fazer pós-graduação na USP. Foi aí que o professor Querino me encaminhou. Era uma pós-graduação na qual eu só permanecia um dia. E aí, eles me indicaram algumas matérias complementares dentro da pós-graduação, tipo fazer história, uma disciplina auxiliar, que eu até fiz. Eu escolhi uma disciplina lá em Marília, do Curso de História. Agora, a disciplina mais importante do curso foi a de educação comparada, dada pelo professor Querino, lá em São Paulo, durante dois anos. Então, durante dois anos eu fiz, com o professor Querino, educação comparada. Em um dos anos não eram aulas teóricas, ele praticamente pediu que eu fichasse tudo o que existia de escrito sobre educação comparada acessível ali em São Paulo e no Brasil e discutisse com ele, e assim foi. Ele deu um curso, que eu me lembro, cujos temas versavam sobre salário dos professores, todos baseados num dicionário de economia, de autoria do Cláudio Napoleoni, com vários verbetes sobre valor, salário e o que interessava à temática salário dos professores. Essa era uma temática dentro da disciplina de educação comparada. Foi um bom curso, aprendi bastante. Também fiz administração escolar com o Moisés Brejón nesse curso de pós-graduação do regime antigo.

Cumpridos esses dois anos de pós-graduação eu segui para o mestrado. Porque antes era assim, era o regime antigo, você tinha a pós-graduação e o mestrado era um plus. Então, fiz os dois anos e o Moisés Brejón logo falou para mim “Por que a senhora não faz mestrado?”. Eu tinha vinte e poucos anos só, 24, 25, mas eles me chamavam de senhora: “Por que a senhora não faz mestrado?” “Ah, eu gostaria professor!” Aí, ele se dispôs a me orientar e eu fui a segunda mestra pela Faculdade de Educação da USP. Já se chamava então Faculdade de Educação, porque eu fiz o meu mestrado em dezembro de 69. A primeira mestra pela

Faculdade de Educação da USP foi a professora Maria de Lourdes Mariotto Haidar e eu fui a segunda. Só houve três mestres no regime antigo, a terceira foi a professora Maria Carrilho Andreatta, esta em didática. Então eu fiz um mestrado em que foram da banca a professora Amélia Americano, o professor Villa-Lobos e o professor Moisés Brejón.

FITA 1: LADO B

Giseli – *A sua formação foi encadeando um curso no outro: Normal, Pedagogia, Especialização, Mestrado...*

Leonor – E doutorado! Em dezembro de 1969 eu já era mestra e no mesmo mês eu me inscrevi no doutorado. E aí o doutorado - como eu já tinha o mestrado - exigia apenas a tese, ou seja, eu não tinha que fazer aquelas três teses subsidiárias. Então, comecei a preparar uma tese. Foi muito difícil porque a orientação naquele tempo era muito precária. O professor Moisés Brejón, meu orientador, assim opinava: “A senhora já tem autonomia, pode fazer como julgar conveniente”. Era assim... Só que eu desenvolvi o trabalho em 70, 71, 72. Eu tinha que defendê-lo no fim de 72 e o tempo não foi suficiente, eu me perdi um pouco. Eu ia fazer uma tese imensa, cobrindo um período muito grande, tive que ir restringindo, restringindo... Ele era um excelente professor, mas não havia uma orientação diretiva naquele tempo, pelo menos no meu caso não houve. A gente tinha mais uma orientação entre pares, entre os meus pares que estavam na mesma situação. Quando chegou em dezembro de 1972, antes de dezembro, eu percebi que não ia conseguir, eram só três anos. Então falei para ele, “Professor, o senhor aceitaria que eu fizesse a transferência da minha inscrição para os institutos isolados, para o de Marília?”. Porque lá tinha seis meses a mais de prazo. O regime antigo ia terminar em junho de 73. Aí ele falou: “A senhora pode transferir que eu vou como orientador”. Então eu transferi para ganhar seis meses de prazo e no dia 30 de junho, último dia do prazo, eu consegui defender, em Marília, a tese. E ele tinha se disposto a ir. Ele participou da banca como orientador. O professor João Eduardo Rodrigues Villa-Lobos foi também. O Querino, que já não estava mais em Marília, também participou. Além deles, participaram ainda: a professora com quem eu trabalhava em Marília, que nessa época já tinha se tornado doutora - a

professora Josephina Chaia - e uma professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, outro instituto isolado do governo do Estado, a professora Mirtes da Fonseca Pinto. Eu defendi minha tese e foi considerada muito boa. O professor Villa-Lobos gostou tanto que se dispôs a encaminhá-la para publicação na FEUSP. E ela foi, depois de alguns anos, publicada pela FEUSP. Estava falando dessa orientação entre pares, na verdade a pessoa que mais me ajudou no percurso se chama Tirsia Regazzine Péres, que era também professora do instituto isolado Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara. Lembro-me que tomei conhecimento dela, por uma referência bibliográfica num livro da Eleiete Saffioti, sobre a Escola Normal livre. Telefonei para ela. Ela falou “Venha aqui”. Eu peguei o carro e fui. Era uma professora dotada de grande espírito de colaboração. Era não, é, porque ela está viva. É uma professora das mais disponíveis que eu encontrei na minha vida acadêmica até hoje. De uma abertura total para o outro e continua assim até hoje. Ela ajudou e ainda ajuda muita gente na vida acadêmica.

Giseli – *Durante o percurso da pós-graduação, conciliou os estudos com a docência no Curso de Pedagogia?*

Leonor – Eu fiquei em tempo parcial na faculdade, esse era o diferencial. Eu fiquei em tempo parcial até 1970. Só durante os três primeiros anos dei aulas de matemática, no ginásial. Depois eu fui dar aula, para complementar meu salário que era pequeno, e até para financiar as viagens já que eu não tinha qualquer auxílio - porque eu fiz toda a pós-graduação e o mestrado, desse jeito, viajando para São Paulo, sem qualquer auxílio financeiro - e o salário de instrutor não era suficiente. Eu em lembro que viajava numa noite para São Paulo, chegava lá ficava o dia inteiro, sem pegar um hotel, e voltava na outra noite. Então eu ficava numa situação de fragilidade na Faculdade de Educação. Tinha que carregar tudo que eu tinha nas mãos. Mas felizmente o ambiente foi acolhedor porque havia pessoas que trabalhavam no antigo Centro Regional de Pesquisa, que eu conhecia, como a professora Maria da Penha Villa-Lobos, que era docente em Marília. Então ela falava: “Use a minha sala, deixe suas coisas lá”. Se eu levasse um casaco, podia deixar lá se esquentasse... Mas eu precisava de dinheiro para pagar essas viagens. A gente viajava de trem leito, levava 11 horas a viagem, quando

levava o tempo correto, porque vira e mexe ocorriam acidentes, era o fio elétrico que caía ou o barranco que desbarrancava e a gente tinha que levar um prazo muito maior, as vezes, tinha que andar até a próxima cidade para pegar ônibus. Então, eu dava algumas aulas para complementar o meu salário da faculdade. Depois dos três anos como professora de matemática do ginásial, eu passei a trabalhar com um número de aulas menor, só para complementar meu salário, acho que eram oito aulas semanais apenas, no Instituto de Educação, num curso complementar ao Normal, que preparava diretores de escola, os administradores escolares. Então, durante dois anos eu dei aulas de educação comparada num curso de administradores escolares. Na faculdade, eu trabalhava na Cadeira que se chamava Administração Escolar e Educação Comparada, a gente estudava as duas coisas. A Administração Escolar que eu estudava era muito mais uma Educação Brasileira. Fiquei dois anos no mencionado curso de administradores, paralelamente ao cargo de instrutor na faculdade. Em 70 fui promovida a tempo integral na faculdade. Consegui fazer um projeto de pesquisa que foi aprovado e que versava sobre o tema da minha tese de doutorado. Eu apresentei em 70 o projeto, foi aprovado, e era o projeto que eu ia desenvolver como doutorado. O projeto era muito pretensioso. Depois se transformou num projeto que contemplava só a formação de professores na Primeira República. Na verdade não era para ser uma abordagem histórica, mas para contemplar a última Reforma do Ensino Normal Paulista (de 1969), que era uma reforma muito importante. Mas como não havia quase nada na historiografia, e eu fui para história, para ver como era antes, acabei ficando lá.

Giseli – *Sua trajetória de atuação se deu e ainda se dá, praticamente, em Marília...*

Leonor – Existiram algumas detalhes que eu pulei porque não os achei importantes. Por exemplo, nesse tempo que estive em tempo parcial na faculdade, principalmente 69, 70, logo antes de eu entrar em tempo integral, eu dei um curso de especialização na Faculdade Sagrado Coração de Jesus, em Bauru, em um momento que não tinha praticamente nada em matéria de pós-graduação, nem a USP tinha iniciado a pós-graduação no regime novo ainda. As irmãs que administravam essa faculdade me convidaram para dar uma disciplina só, a

Educação Comparada. Era um curso de especialização que elas tinham montado, mas acho que elas pretendiam que fosse um curso de mestrado, que não foi reconhecido, porque logo entrou o regime novo e o curso não conseguiu o reconhecimento. Mas muitas pessoas fizeram esse curso. O Celestino Alves da Silva Júnior foi um deles. A Raquel Volpato Serbino foi outra pessoa. Eu conheci muita gente ali. Acho que o curso era bem montadinho, os alunos eram bons, a Raquel e o Celestino já eram professores universitários, os alunos, de um modo geral, eram bons. Então, é o que eu falo, era quase uma educação entre pares, caminhávamos juntos, íamos fazendo nosso caminho ao caminhar.

Na USP eu não cheguei a dar aulas, mas fui convidada várias vezes. Por exemplo, o Brejón me convidou para ser assistente, mas seria em tempo parcial e haveria uma longa fila para entrar em tempo integral. Quando ele me convidou eu já estava em tempo integral em Marília. Eu disse: “Professor, para eu vir para cá em tempo parcial, eu vou ganhar tão pouco... vou precisar complementar meu salário em escolas da rede pública e eu não tenho mais vontade de voltar para isso.” Aí o Querino também me convidou. O Querino e o Brejón, que eram da mesma cadeira. Acho que fui convidada três vezes, mas não deu para ir. Aí ele chegou a falar: “Já que a senhora não quer vir como professora remunerada, a senhora não aceitaria como voluntária?” Eu disse: “Ah professor é mais difícil ainda porque eu terei que custear meu trabalho na USP”. Eles tinham muitos professores voluntários que pagavam para serem professores da USP, mas eu já não queria aquilo para mim. Então, por exemplo, nesse momento em que entrei em tempo integral em Marília, minha vida melhorou muito, porque eu não precisei mais dar aula na rede, fiquei só na UNESP em Marília. Fui logo com uma bolsa de três meses para Portugal para estudar essa questão da formação de professores enquanto eu preparava minha tese. Fiz muitas leituras, foram só três meses, mas acho que aquilo foi ajudando a complementar a formação. Tinha tempo para estudar, para fazer a tese, o tempo era para isso.

Giseli – *Focalizando um pouco mais o Curso de Pedagogia, que diferenças podem ser apontadas entre o curso que fez como graduanda e o curso em que atuou como formadora?*

Leonor – Eu diria o seguinte: no início da minha atuação o curso era muito parecido com aquele que eu tinha feito. Era muito parecido, porque na verdade permaneceu aquele mesmo currículo e mesmo como professora eu procurei imitar meus mestres, em buscar literatura, não só a literatura produzida aqui, que praticamente inexistia. O que nós tínhamos de educação comparada aqui naquele momento? Algumas traduções e o livro do Lourenço Filho. Mas além desses, eu procurei buscar literatura em língua estrangeira, principalmente americana. Eu me filiei a uma sociedade americana, não me lembro agora como ela se chamava, e passei a receber uma revista. Além dessa, eu pedi pela biblioteca da faculdade as revistas de alguns outros países. Por exemplo, uma revista inglesa, e uma revista espanhola que a gente recebia por intercâmbio com a *Revista Didática*. Então, eu procurei montar a biblioteca na faculdade e fazer as leituras para me atualizar com aquilo que se produzia. Como eu tinha um razoável desempenho em inglês e francês para leitura, eu dei conta de me atualizar. Essa sociedade era bastante interessante porque eles publicavam os boletins e você ficava mais ou menos atualizada. Tanto que quando conheci a professora de Educação Comparada da UFRJ, da UERJ e também da PUC-Rio, eu não senti desnível entre os conhecimentos que eu tinha e os dela e nós nos tornamos amigas. Conhecemos-nos num seminário lá no Rio que se chamava Seminário de Pedagogia Francesa. Posteriormente eu vim integrar os quadros da SBEC, Sociedade Brasileira de Educação Comparada, onde eu fui a segunda vice-presidente e ela, a Mabel Tarré Carvalho de Oliveira, foi a primeira. Lembro-me que, do ponto de vista do conteúdo da época, eu não me senti desprovida. No início sim, foi uma coisa assustadora dar aula. Lembro-me que tinha taquicardias, as quais continuaram por muito tempo, para dar aulas. As leituras que fiz com o professor Querino (quando ele falou: “Ficha tudo o que tem por aí e venha discutir comigo.”) colocaram-me a par de toda a literatura e eu fui fazendo contatos com organismos internacionais que produziam coisas de educação, fui vendo as grandes tendências na área, embora ainda não produzisse conhecimento sobre ela. Posteriormente eu fui estudar na Inglaterra, em 75/76, eu passei um ano na Inglaterra e aí sim eu já tinha um conhecimento maior e consegui produzir um trabalho sobre a Reforma Educacional na Inglaterra. Eu já estava em condições melhores, já tinha feito meu doutorado. Foi até um doutorado muito precoce, eu me tornei doutora aos 30 anos, e com isso barrei possibilidades que eu poderia ter tido, porque eu queria fazer um

doutorado em educação comparada e no Brasil eu fiz o mestrado em educação comparada, mas essa área ainda era pouco desenvolvida entre nós. Eu só estudei educação comparada com o professor Querino, e ele não ministrou aulas de educação comparada propriamente dita, apenas os fichamentos e as discussões versaram sobre essa área. Ele discutiu comigo muita coisa, porque ele era um autor que achava que educação comparada não era campo de estudo, era apenas um método de abordagem. Era o método comparado aplicado à educação. Mas de qualquer forma eu queria fazer um doutorado em educação comparada. Fiz o pedido a uma agência internacional, passei no exame de inglês, no projeto e tudo. Mas quando o meu pedido foi para o Ministério da Educação, no Brasil, porque a seleção final era feita no âmbito do MEC, decidiram que a prioridade era desenvolver docentes para os cursos de pós-graduação que iam começar e que eu já tinha um doutorado. Então, minha bolsa não foi autorizada. Foi a maior decepção da minha vida e quando eu fui reclamar porque eu tinha sido cortada, o pessoal da agência internacional falou: “Mas a decisão de cortar a senhora não foi nossa, foi do seu país, é a política do seu país, que prioriza as pós-graduações nas capitais. A senhora está no interior, onde não tem pós-graduação.”

Giseli – *Em sua fala inicial, a senhora enfatizou que não havia o desejo manifesto de ser professora. Tornar-se professora foi uma tendência naturalizada na época, sobretudo pelas expectativas familiares. Que fatores determinaram, então, sua permanência nesse campo, ou a sua trajetória de professora e de pesquisadora, exercendo o importante papel de produtora de conhecimento sobre a área? Em nenhum momento a senhora pensou em mudar o rumo dessa caminhada?*

Leonor – Acho que tive algum momento de crise lá pelos anos 70, não sei se a crise na profissão foi provocada pela própria situação, não somente do ensino superior naquele momento, mas também no interior da própria UNESP, pois todos os institutos isolados do interior foram integrados numa nova universidade estadual, passando a constituir a UNESP. Nessa integração, as antigas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, que eram em número de sete: Marília, Presidente Prudente, Rio Preto, Araraquara, Assis, Rio Claro e Franca, sofreram cortes, principalmente na área de humanas. O motivo alegado na época era que de que era preciso fazer áreas de excelência e que deviam concentrar massa crítica. Acontece

que as pessoas tinham suas vidas nas cidades onde trabalhavam e não queriam ser concentradas, mas foram obrigadas a se deslocar. Então foi um momento de crise e a Faculdade de Marília perdeu muito. Ela perdeu o Curso de História, que possuía historiadores que tinham uma excelente produção. E o Curso de Letras, que também tinha excelentes professores e uma boa produção. E, além disso, o Curso de Ciências. Ficou muito empobrecida. Nesse momento me senti muito desalentada, eu realmente não estava preparada para isso tudo. Havia, nesse momento, década de 70, um desalento mais localizado lá. Além do desalento advindo da situação política brasileira, os reflexos para os institutos isolados foram mais graves. Muitas pessoas tiveram desejos de sair, de buscar até outros países para viver, mas não por causa desse motivo que hoje leva as pessoas para fora, de ganhar dinheiro. Era diferente. Era mais um sonho de você viver fora, viver outras culturas e rejeitar aquele ambiente político extremamente autoritário que o Brasil vivia. Tive colegas que desistiram da profissão docente em Marília para exercer profissão desqualificada na Europa. Mas eu não, eu não gostava de exercer qualquer profissão que não exigisse qualificação. Então fui para a Europa, para a Inglaterra, passei lá o ano escolar de 75/76 com uma bolsa que consegui pelo Conselho Britânico, fazendo um pós-doutorado. Mas eu nunca desejei fazer outro trabalho... Eu gostava do trabalho intelectual, eu podia ter vontade de sair do magistério superior mas eu queria fazer outro trabalho intelectual. Mas, na verdade, as crises foram em curtos espaços de tempo. Logo eu me recoloquei e permaneci na profissão. Com o tempo, Marília foi ganhando novo alento, principalmente com as habilitações na área de educação especial. Mas foi muito dura a criação da UNESP para a unidade Marília. A unidade ficou muito tempo esvaziada, sem alento para a pesquisa. Esvaziada mesmo! A criação da UNESP para os institutos isolados como um todo foi algo positivo. Para alguns, principalmente para as Faculdades de Filosofia e, dentro delas, as áreas de humanas, foi um corte, foi uma ruptura, foi prejudicial porque eles simplesmente suprimiram cursos. Na verdade houve o intento de economizar dinheiro nessas áreas. O argumento da área de excelência, da concentração de massa crítica foi apenas uma alegação porque não concentraram massa crítica nas odontologias, que continuaram três, por exemplo, nem nas engenharias. Foi só nas humanas. Então, ficamos durante muito tempo desalentados e muito prejudicados. Para não falar daquele aspecto de revolta, de movimentos contestatórios que dificultaram a

integração da faculdade no âmbito universitário. Mas a criação da UNESP em si foi uma coisa boa.

Giseli – *Partindo para a última etapa desta entrevista, gostaria de abordar as suas posições sobre a Pedagogia e sua abrangência. Como percebe a Pedagogia? Podemos considerá-la um campo de conhecimento, de formação e de atuação?*

Leonor – Então, essa é a questão mais complexa, Giseli. Porque realmente, vamos dizer assim, na minha trajetória eu vivenciei a pedagogia, primeiro enquanto ciências da educação. Foi assim que eu a vivenciei. Então, estudei a sociologia da educação, posteriormente eu li sobre a nova sociologia da educação, as teorias de currículo etc. Eu acho que existe uma sociologia aplicada à educação, aplicada ao estudo do currículo, da escola e tal. A mesma coisa, uma filosofia que pensa a educação... Eu acho que existe dentro dessas grandes ciências, sociologia, psicologia, filosofia, história, uma possibilidade de você ver a educação do olhar de cada uma delas. Mesmo, por exemplo, a história da educação, com a qual os historiadores nunca se preocuparam, já que foram os pedagogos que começaram a construir a história da educação. Hoje também os historiadores se preocupam com a construção da história da educação, mas foram os pedagogos que a iniciaram... Então, começaram a olhar a educação da perspectiva histórica, da perspectiva filosófica, da perspectiva sociológica. O Luiz Pereira, por exemplo, olhou a educação na perspectiva sociológica. Acho que o Fernando de Azevedo, antes dele, fez isso, até o Florestan fez também. Dentro da história da educação, um Fernando de Azevedo, um Villa-Lobos fizeram isso. Eu prezo todas essas pessoas. Houve uma vez que eu fiquei muito decepcionada por ouvir muita gente falar que a produção historiográfica da educação começa com os cursos de pós-graduação, todo mundo repete isso. Um dia aproveitei a oportunidade de um convite para fazer parte de uma mesa-redonda e falei sobre a produção historiográfica antes da implantação dos cursos de pós-graduação e publicaram esse trabalho num livro sobre a história da educação e a constituição de seu campo, sobre a produção historiográfica antes da instalação dos cursos de pós-graduação. Realmente foram educadores, não necessariamente pedagogos, que começaram a olhar a educação, fazer a educação através de uma perspectiva histórica. O professor Laerte Ramos de Carvalho é outro que eu respeito muito nessa área. Bom, mas de qualquer

forma eu acho que existem essas ciências da educação, isso é uma coisa. Agora e a pedagogia enquanto ciência, o que ela é? Ela seria a soma disso? Acho que não. Ela teria, como ciência, que buscar a construção de uma teoria geral da educação. Só que isso é uma pretensão ainda, é uma meta, um sonho. Agora, o fato de não termos uma pedagogia, uma teoria geral da educação, com estatuto científico definido, ou teorias - não devo falar apenas de uma teoria, como existe em algumas áreas - mas de teorias que realmente tenham estatuto científico definido, confiável, que possam seguramente orientar as pesquisas, o fato de não termos isso, acho que não implica que não tenhamos um campo da pedagogia. Acho que temos. Temos um campo, que é o campo, vamos dizer assim, onde você tem todas as ações e definições relativas à educação. A questão conceitual, epistemológica está definida? Acho que não, está em constituição. Mas penso que no momento em que você olha o grande corpo de conhecimento publicado, o número de periódicos, as pesquisas desenvolvidas, eu diria, numa forma muito pragmática, esse é o campo da educação onde a pedagogia deve imperar. Tanto no nível mais macroscópico, do ponto de vista da sociedade e do sistema educacional, quanto no nível micro, no que diz respeito à aprendizagem e às relações professor/aluno, passando ainda por um nível intermediário do sistema de ensino etc. Acho que é possível pensar num campo da pedagogia, tanto numa perspectiva macro como numa perspectiva micro.

Giseli – *Nessa perspectiva, pedagogia e educação não se confundiriam? Porque, em termos bem gerais, a educação é compreendida como um processo, como um fenômeno, como algo que acompanha a vida da gente em todas as suas etapas e que pode acontecer de modo sistemático ou não. O trabalho pedagógico que se processa no contexto escolar materializa a educação mais intencional, mas que acontece, também, em vários outros contextos. À pedagogia caberia, “entre aspas”, buscar pensar sobre, teorizar sobre, propor sobre esse fenômeno, esse processo de educação, que se dá na escola e fora dela. A pedagogia, então, tem um papel bastante expressivo no tocante à elaboração de um conhecimento teórico-prático. Todavia, se olharmos para a posição da pedagogia no âmbito da formação, ela não alcançou o estatuto de faculdade, de pós-graduação, ficando restrita a um curso.*

Leonor – Eu penso assim como você está colocando. Eu não tive grandes preocupações de definição e de conceituação aí. Mas eu penso exatamente nessa perspectiva que você mencionou, que a educação é um processo que se dá na sociedade. E a pedagogia é o campo do conhecimento, a área que vai buscar teorizar, estudar essa prática, refletir criticamente sobre ela, sistematizar sobre os conhecimentos...

FITA 2: LADO A

Eu acho que você tem razão, quer dizer, há um crescimento da pós-graduação que passa a se encarregar da pesquisa em várias direções ligadas à educação, que parece que não contribui para o crescimento do Curso de Pedagogia. Acho que o curso foi se ampliando tanto em termos de funções que ele foi açambarcando, arrebatando para si, que ele foi se pulverizando em inúmeras habilitações e com isso foi perdendo sua identidade. Na verdade se você olhar o percurso que o curso faz, você vê claramente que ele passa de um curso calcado nas ciências da educação, sem vinculações com uma prática, sem vinculações com a escola básica, para a qual em princípio ele estaria preparando professores ou preparando formadores para essa escola, que eram os professores do antigo Curso Normal. Mas ele passa então de um curso calcado nessas ciências da educação e desvinculado da escola básica para um curso que começa a olhar para a escola básica e preparar os professores para ela, já que ele estava habilitando para ela. Então essa questão de você fazer um bacharelado em educação e fazer realmente aquele que vai dar conta das questões de fundo da área, as questões de teoria e de pesquisa, constitui objetivos dignos, mas o profissional não tem como se engajar para sobreviver no mercado de trabalho. Na prática, o curso passou de fato a não caminhar. É como a antiga Faculdade de Filosofia quando foi criada. Ela era para formar pesquisadores, mas de fato ela passou a habilitar professores. E o Curso de Pedagogia passou a habilitar professores mesmo sem ter condições de qualificá-los para isso, de início. Então ela foi se aparelhando para qualificar esse professor que ela já estava habilitando. Houve pareceres, inclusive aqui em São Paulo, do professor Roberto Moreira, que dizia assim: quem estudou estrutura do funcionamento do ensino do primeiro grau e prática de ensino do primeiro grau está habilitado para dar aula nas séries iniciais. E isso era preciso, porque o aluno

não tinha como começar profissionalmente. Inclusive aquelas exigências de que para você ser especialista em administração precisava ter experiência, o aluno não tinha. Ele tinha que começar para poder ter experiência. Então o curso foi de fato se preparando para qualificar o aluno, já que ele o habilitava legalmente. Então essas foram as primeiras habilitações que enriqueceram o panorama inicial daquelas habilitações definidas em 69. E as de educação especial, que, no fundo também preparam professores para as séries iniciais. Então eu vivi muito isso, porque a Faculdade de Marília foi a primeira instituição que iniciou o preparo de professores para a educação especial no Curso de Pedagogia. E ontem, quando alguém na mesa sobre educação especial, que eu coordenei, falava que a educação especial só serviu para criar mais preconceito e estigmatizar os alunos, eu não pude contestar porque eu estava coordenando, mas eu discordo profundamente, porque ela serviu para conduzir a essa visão de inclusão que nós temos hoje. Porque desde o início os professores de educação especial da Faculdade trabalharam nesse sentido. Então o curso foi se enriquecendo. Só que, a partir de um certo momento, começa a discussão que foi conduzida durante longos anos pela ANFOPE, e que não se resolveu logo, mas foi se prolongando de uma forma até saudável porque o debate acabou por se enriquecer. Mas, na prática, o curso começou a se pulverizar muito em habilitações as mais diversas, que você deve ter visto no site do INEP, desde tecnologia educacional, treinamento e desenvolvimento na empresa, pedagogia empresarial, psicopedagogia clínica institucional... e coisas desse tipo. Quer dizer o curso foi se perdendo. Ora, o que isso tem que ver realmente com os objetivos declarados? O curso, eu entendo que ele foi se perdendo, se fragmentando e perdendo sua identidade. Então, eu acho que realmente a pós-graduação progrediu em termos de linhas de pesquisa, mas ela também é uma pós-graduação que passou a absorver pessoas de muitas áreas. São, por exemplo, os especialistas da educação física que foram para lá vendo a educação da perspectiva das linguagens corporais. Eu não vejo que isso tenha sido negativo, acho até que foi bom. São os da fonoaudiologia, os da fisioterapia, que foram vendo o lado da reeducação que essas áreas ofereciam. E as pós-graduações em educação não se fecharam para as pessoas formadas em outras áreas. Elas se abriram. Então foram pessoas até da área médica, às vezes, que fizeram o curso de pós-graduação em educação visando à área de educação médica ou à história da medicina. O curso de pós-graduação se abriu em múltiplas direções e, na verdade,

a graduação também se pulverizou, mas se perdeu... A graduação tinha que conservar uma identidade, isso é o que eu acho. Porque a pós-graduação até pode se pulverizar e se abrir, mas a graduação tem que se fechar ali com o que é essencial ao objetivo do Curso de Pedagogia, com o profissional que ele pretende formar. Então acho que tivemos isso. O curso antigo não tinha vinculações com a escola básica, mas formava pessoas nas áreas de fundamentos e de ciências da educação. À medida que o curso foi incorporando o objetivo de qualificar professores para o magistério nas séries iniciais, seja no ensino regular, seja no ensino para crianças com necessidades especiais, ele foi também se instrumentando nesse sentido. Mas com a dispersão e a pulverização ocorridas, ficou difícil encontrar a identidade da pedagogia. Eu encaro que todo esse movimento conduziu para as novas diretrizes, embora eu acho que há falhas aí no sentido de que alguma coisa ficou de lado, escapou, e o curso acabou tendo uma pretensão muito ampla, de dar conta de um saber muito enciclopédico. Mas tem uma grande vantagem inegável, definimos o que nós vamos formar e vamos evitar que a perda de identidade se complete.

Giseli – *Nesse sentido, a senhora defende que a docência seja a base de formação na pedagogia?*

Leonor – Olha, eu defendo por uma razão muito simples, se não fosse a docência teria que ser algum outro endereço profissional. Acho que o bacharelado não pode, porque não tem o endereço profissional. Embora nós tenhamos bacharelados em outras áreas - em matemática, em física, em química etc... - penso que em algumas há mais possibilidades de trabalho. Mas até nas outras áreas eu vejo que o bacharelado dificilmente se sustenta se ele não tem uma direção profissional. Matemática, por exemplo, tudo bem, ela é base para tudo, as pessoas sempre vão conseguir um destino profissional. Mas você vê que em algumas áreas fica difícil, como física, as pessoas acabam indo para o ensino. Então é por isso que eu defendo inclusive uma articulação entre o bacharelado e a licenciatura. Eu não sou daquelas que defendem que bacharelado é uma coisa totalmente separada da licenciatura, porque depois você tem um ótimo bacharel sem possibilidades de trabalho. Eu sempre morei no interior e eu sei que no interior - e o interior é grande, e hoje tem uma população grande - e mesmo em

São Paulo não dá para pegar todos os bacharéis e enquadrá-los na pesquisa na área em que eles se formaram. Eles vão ser distribuídos para todos os setores do mercado de trabalho. Então eu gostaria que eles tivessem, pelo menos, um setor ligado à área deles, para o qual pudessem dirigir. Eu acho que não é que a docência tenha que ser necessariamente a base da formação. Acho que é um endereço profissional. Se eu fizer o Curso de Pedagogia, que tipo de ocupação eu posso ter? Em outras palavras: que profissionais esse curso pretende formar? Nas diretrizes está a docência e ao se adotar uma concepção ampliada de docência, se coloca que o professor pode também desempenhar funções na gestão. Eu acho que fica aberto o campo da gestão também. Então, nós sabemos que o aluno que faz pedagogia está se preparando para ser um docente e para ser um diretor de escola, para falar em termos muito gerais. Tem alguns pontos dentro das diretrizes que eu levantaria, por exemplo, essa questão de um certo enciclopedismo no que se refere aos conteúdos abrangidos, acho que é evidente. Numa palestra que tive que fazer sobre o tema, considerei que a formação dessa variedade de profissionais, ou seja, para as séries iniciais, para a educação infantil, para a gestão, levou o curso a assumir uma feição enciclopédica que dificilmente possibilitará, no meu modesto entender, a sólida formação geral e pedagógica pretendida por seus idealizadores, no caso os membros das entidades representativas dos profissionais da educação. Porque, ao se definirem as competências, elas são muitas, e para dar conta de todas contemplou-se um currículo enciclopédico. A carga horária até que é razoável, 3.200 horas é uma carga horária razoável dentro dos contextos das cargas horárias definidas para os cursos de graduação. Acho que essa formação inclui uma programação ampla e abrangente calcada nas áreas de fundamentos históricos, sócio-culturais e psicológicos da educação, organização e gestão da escola, didática e avaliação do ensino e da aprendizagem, pesquisa educacional, tecnologia da comunicação e informação, conteúdos e metodologias específicas de todas as áreas de educação infantil e do ensino fundamental. Ainda: conteúdos de educação de jovens e adultos, além de conhecimentos específicos sobre gestão em espaços escolares e em outros espaços educativos. Quer dizer, até que ponto vai ser possível conciliar toda essa formação profissional exigida para a administração e gestão e para o preparo do docente para a educação infantil, educação fundamental, tanto em termos pedagógicos como em termos de conteúdos? Esses que eu mencionei são básicos para todos os cursos,

independentemente da especificidade dos projetos das instituições. De qualquer forma, acho que é possível melhorar a situação antes existente. Na UNESP fizemos o seguinte: reunimos representantes dos Cursos de Pedagogia da UNESP para discutir mais ou menos o que seria possível. Eu gostaria de fazer um núcleo em termos de teoria que fosse comum, nada imposto, mas com alguns conteúdos curriculares definidos. Não foi possível discutir tudo, não chegamos a definir esse núcleo em termos de conteúdo e duração, porque o pessoal resistiu. Há alguns cursos mais recentes na UNESP, como o de Rio Preto e o de Bauru, criados já com um direcionamento profissional para as séries iniciais. Por outro lado, há os mais antigos, já com um corpo docente muito amplo na parte de formação teórica... Essa diversidade de cursos tornou difícil a conciliação. Mas já foi possível aproximar esses cursos, tornando-os mais semelhantes. Foi possível, por exemplo, fazer com que os cursos de Bauru e de Rio Preto ampliassem seus conhecimentos de história, contemplando os aspectos históricos que mais interessam ao preparo dos profissionais que eles visam. O Curso de Pedagogia tem que se debruçar sobre os conhecimentos teóricos essenciais, tradicionalmente considerados importantes e que hoje estão em xeque, e definir qual é a real importância deles e que parte deles é realmente importante. E cabe aos especialistas da área essa tarefa. Eu sempre trabalhei com história da educação. E acho que não dá para abrir mão de se ter um conhecimento histórico da educação brasileira, situada no contexto da história da educação, principalmente uma história institucional, que nem sempre foi estudada... Caso contrário, você acaba repetindo os erros. E acaba analisando o problema sem uma perspectiva histórica. Não dá para você dar conta de um problema hoje se você não o situa na perspectiva histórica, qualquer que seja o problema, desde a progressão continuada - sobre o qual as pessoas geralmente falam cegamente sem qualquer conhecimento histórico do que significa - até um problema considerado menos importante, como organização dos alunos na sala ou a educação especial... Para qualquer problema, a perspectiva histórica é fundamental. A mesma coisa é a abordagem sociológica. Acho que não se trata de estudar os grandes teóricos, Marx, Weber, Durkheim, de forma pura, mas se trata de verificar qual é a abordagem sociológica importante para nós analisarmos a educação na perspectiva macro e micro. Quando vamos observar algo que desconhecemos e não estamos preparados para isso, pouco ou nada vemos... Está aí a diferença

entre olhar e ver. Acho que temos que tomar muito cuidado com o ativismo pedagógico, com a super-valorização da prática. Eu me preocupo muito com essas cargas horárias grandes de prática e de estágio que nós estabelecemos; por outro lado eu entendo que precisamos de um curso que reflita sobre a prática. Essa questão é bastante antiga, vem sendo colocada desde os anos 70... Só que agora vieram novos teóricos e a proposta materializou-se em medida de política... Veja, você ao propor-me uma entrevista como esta, me faz partir da minha prática, da minha história de vida para alguma reflexão. Acho que o professor precisa fazer isso com seu aluno também. Fico porém preocupada com a possibilidade de ativismo, com o excesso de trabalho, de tarefa do professor, principalmente na escola particular, contratado por hora aula... Acho que tem um caminho, o caminho da profissionalização, ser professor é uma profissão. E uma profissão, eu ainda penso assim, pode ser antigo pensar assim, ela tem determinados instrumentais de trabalho, ela tem campos de competência que você deve dominar, e é por aí. É claro que aquele que, além disso, tem uma visão de mundo mais alargada, está mais apto de todos os pontos de vista, do ponto de vista da competência, da ética, da cidadania, ele tem condição de desenvolver melhor seu trabalho. O outro que não tem, pode ir caminhando nesse sentido também. Em todas as profissões é assim, mas você tem que ter um instrumental básico. Penso que não podemos abrir mão do que é necessário, porque o que é necessário pode não ser suficiente, mas é o início. Libertar alguém passa por ensinar a ler e escrever bem, ler tudo o que for possível. Quanto mais você ler, mais você se liberta. Passa por aí, não é suficiente.

Queria falar mais uma coisa para você. Uma sugestão... Eu gostaria de ler seu trabalho depois e ver se você tocou num aspecto específico... Acho que essas diretrizes aprovadas consubstanciam, sem dúvida, aspirações dos movimentos dos educadores, sobretudo da ANFOPE. A redação da maioria dos dispositivos do Parecer é muito semelhante ao conteúdo dos textos da ANFOPE. Considero importante você analisar o papel da ANFOPE na determinação das diretrizes aprovadas.

Giseli – *Professora Leonor, muito obrigada por esta entrevista e pela boa vontade em colaborar com o meu estudo.*

9.5.

Estrutura do Curso de Pedagogia de acordo com os seus três primeiros marcos legais (1939 – 1962 – 1969)**Decreto-Lei nº. 1.190/1939**

1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Pedagogia ↓ Bacharelado			Didática ↓ Licenciatura
Psicologia Educacional I	Psicologia Educacional II	Psicologia Educacional III	Psicologia Educacional *
Sociologia	Fundamentos Sociológicos da Educação		Fundamentos Sociológicos da Educação *
História da Filosofia		Filosofia da Educação	
	História da Educação I	História da Educação II	
Fundamentos Biológicos da Educação			Fundamentos Biológicos da Educação *
Complementos de Matemática	Estatística Educacional		
	Administração Escolar I	Administração Escolar II	Administração Escolar *
		Educação Comparada	
			Didática Geral
			Didática Especial

* Para alunos bacharéis de cursos filiados às seções de Filosofia, Ciências e Letras. Para os bacharéis em Pedagogia, bastava cursar as disciplinas de Didática Geral e Especial.

Campo de atuação:

Para o Bacharel – Técnico de Educação do Ministério de Educação a partir de 1º de janeiro de 1943.

Para o Licenciado – Professor de disciplinas pedagógicas do Curso Normal e de filosofia, história e matemática do Curso Ginásial.

Parecer CFE nº. 251/1962

4 anos	
Pedagogia ↓	
Bacharelado e Licenciatura de forma concomitante	
Currículo mínimo para o bacharelado	Currículo mínimo para a licenciatura
Disciplinas obrigatórias: 1. Psicologia da Educação 2. Sociologia Geral 3. Sociologia da Educação 4. História da Educação 5. Filosofia da Educação 6. Administração Escolar Disciplinas opcionais: (mínimo de duas) 1. Biologia 2. História da Filosofia 3. Estatística 4. Métodos e Técnicas de Pesquisa Pedagógica 5. Cultura Brasileira 6. Educação Comparada 7. Higiene Escolar 8. Currículos e Programas 9. Técnicas Audiovisuais de Educação 10. Teoria e Prática da Escola Média 11. Introdução à Orientação Educacional	Didática Prática de Ensino Psicologia da Educação * Adolescência e Aprendizagem * Elementos da Administração Escolar *

* Para alunos bacharéis de cursos filiados às seções de Filosofia, Ciências e Letras. Para os bacharéis em Pedagogia, bastava cursar as disciplinas de Didática e Prática de Ensino.

Campo de atuação:

Para o Bacharel – Técnico de Educação ou Especialista de Educação ou Administrador de Educação ou Profissional não-docente do setor educacional.

Para o Licenciado – Professor de disciplinas pedagógicas do Curso Normal.

Obs.:

De acordo com a Portaria MEC nº. 478/54, os licenciados até 1965 poderiam, também, atuar nos dois ciclos do ensino médio como professores de filosofia, história geral e história do Brasil e no primeiro ciclo do ensino médio como professores de matemática.

De acordo com a Portaria MEC nº. 341/65, os licenciados poderiam, também, atuar nos dois ciclos do ensino médio como professores de estudos sociais e no primeiro ciclo do ensino médio como professores de psicologia e sociologia.

A partir de 1969, não é mais concedido ao licenciado o direito de atuar como professor de filosofia, história e matemática.

Parecer CFE nº. 252/1969

4 anos	
Pedagogia	
↓	
Licenciatura	
Parte comum	Parte diversificada
	↓
	Habilitações ■
Sociologia Geral Sociologia da Educação Psicologia da Educação História da Educação Filosofia da Educação Didática	Magistério nos Cursos Normais ■ Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau Metodologia do Ensino de 1º Grau Prática de Ensino na escola de 1º Grau Estágio Supervisionado
	Orientação Educacional ■ Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau Princípios e Métodos de Orientação Educacional Orientação Vocacional Medidas Educacionais Estágio Supervisionado
	Administração Escolar ■● Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau Princípios e Métodos de Administração Escolar Estatística Aplicada à Educação Estágio Supervisionado
	Supervisão Escolar ■● Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau Princípios e Métodos de Supervisão Escolar Currículos e Programas Estágio Supervisionado
	Inspeção Escolar ■● Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau Princípios e Métodos de Inspeção Escolar Legislação do Ensino Estágio Supervisionado

- Limite de duas habilitações a serem cursadas e obtidas de cada vez, podendo o licenciado retornar para obter novas habilitações, apostiladas no título inicial.
- O parecer assegura o direito ao magistério nas séries iniciais do 1º Grau, mediante o cumprimento de determinadas condições.
- Habilitações possíveis de serem oferecidas tanto em cursos de curta duração (para atuar apenas no 1º grau) como em cursos de duração plena (para atuar no 1º e 2º graus)
- Comprovar experiência no magistério, visto que todas as atividades escolares convergem para o ato de ensinar.

Campo de atuação:

Professor de disciplinas pedagógicas do Curso Normal.
 Especialista para atuar como Orientador Educacional, Supervisor Educacional, Administrador Escolar ou Inspetor Escolar.